

Para com Deos o temor, he
prova grande do amor. n.
293. p. 329.

Só com o amor podemos a
Deos pagar o muito que
lhe estamos a dever. n. 289.
p. 324.

O mayor amor de hũa máy
para com Deos, he o sa-
crificarlhe os filhos pelos
preservar dos peccados.
n. 294. p. 331. & n. 295. p. 332.

Os que amaõ como devem
a Deos, tem antipatia com
os peccados. n. 297. p. 334.

O amor da Rainha D. Ma-
ria Sofia a Deos, no modo
que póde fer, foi como o
de Deos a nós. n. 297. pag.
336.

Deposito.
A vida he deposito, de que
estamos obrigados a dar
conta. n. 56. p. 60.

Desconsolação.
Não ha mayor desconsola-
ção para hum desconsola-
do, que o achar-se descon-
solado, & faltarlhe a con-
solação. n. 5. p. 7.

Descrição.
Descrição da morte, n. 33.
p. 49.

Descrição da rosa. n. 144.
p. 143.

Descrição do mundo. n.
175. p. 186.

Descrição do templo do
mundo. n. 185. p. 202.

Descrição da Corte do
mundo. n. 186. p. 204.

Descrição da feira do mû-
do. n. 188. p. 208.

Descrição do mar do mû-
do. n. 189. p. 209.

Descrição da nobreza do
mundo. n. 191. p. 213.

Descrição do valimento.
n. 193. p. 216.

Descrição das dignidades
do mundo. n. 194. p. 217.

Descrição da opulencia,
& das riquezas do mun-
do. n. 196. p. 220.

Descrição da sabedoria
do mundo. n. 198. p. 223.

Descrição da fortaleza do
mundo. n. 199. p. 224.

Descrição da fermosura.
n. 201. p. 225.

Descrição da amizade do
mundo. n. 202. p. 227.

Descrição do amor de
Deos. n. 289. p. 323.

Descrição da morte da

Feniz. n. 365. p. 414.

Desterro.

A vida he desterro, no qual passamos em continua pena até tornar para a nossa terra. n. 55. p. 60.

Devoto.

O Rey deve ser devoto. n.

237. p. 254.

Desacordo.

A vida he desacordo. n. 57.

p. 61.

Desafio.

A vida he desafio com a

morte. n. 61. p. 63.

Desenganar, Desengano.

Aos viventes hum sonho

os engana, & outro sonho

os desengana, de que toda

a vida he sonho. n. 147.

p. 147.

O pomo da vida, se ao ver-

se he engano do gofio, ao

gostar-se he desengano

no tormento. n. 131. p. 126.

Deserto.

O mudo em que vivemos,

he hum deserto porque

passamos. n. 81. p. 78.

Dia.

O dia he symbolo da prof-

peridade. n. 15. p. 20.

Os dias são nada. n. 122. p.

115.

Os dias da vida passaõ com

tanta velocidade, que ain-

da bem não são, quando,

ainda mal, já foraõ. n. 83.

p. 80.

Diferença.

A diferença de hum morto

a hum vivo, he a que vai

de hum que está desperto,

a outro que está dormin-

do. n. 99. p. 95.

Entre a morte dos justos, &

a dos peccadores, são mui-

tas as diferenças. n. 205. p.

231.

Dignidade.

A dignidade he preposi-

ção, a que se seguem to-

dos os casos. n. 194. p. 218.

A dignidade Real o que he.

n. 194. p. 218.

Diligente.

O Rey deve ser diligente.

n. 226. p. 251.

Dilirio.

A vida he dilirio. n. 60. p. 63.

Diniz.

El Rey D. Diniz foi o pri-

meiro, que em Espanha

compoz versos, & rimas

em

em lingua vulgar. n. 265. p. 286.

Fundou a Ordem de Christo. n. 269. p. 293.

Dor.

As dores grandes tem na medicina os *Lenitivos*. n. 5. p. 7.

A dor he propria do homẽ. n. 12. p. 14.

As lagrimas saõ defafogo da dor. n. 12. p. 16.

He motivo da mayor dor a morte intempestiva. n. 21. p. 31.

A vida he dor, & tormento. n. 58. p. 61.

No mundo tudo he dor, porque he lugar de dor o mundo. n. 93. p. 87.

A vida he porta porque se entra, & de que se sahe em dores. n. 130. p. 126.

Dormir.

Os viventes, huns dormem dormindo, outros dormẽ dormitando, mas todos dormem. n. 146. p. 146.

Doze.

O numero de doze, não só he perfeito, & abundante, senão de universalida-

de. n. 349. pag. 398.

Toda a duraçãõ da vida repartida pelas horas de hũ dia, falta vida, & sobejaõ horas. n. 82. p. 78.

E

Ecco.

A Morte he ecco da vida. n. 162. p. 164.

Edificar.

A Rainha D. Maria Sofia edificou a sua casa em todos os sentidos, que póde ter este verbo, *Edificar*. n. 253. & 254. p. 270. & num. 255. p. 271.

Edificou-a sobre sete colunas. n. 256. p. 272.

O Reyno de Portugal he casa firmemente edificada, porque em El Rey D. Pedro II. está fundada sobre firme pedra. n. 258. p. 274.

Elias.

S. Elias natural de Beja, & companheiro de S. Siziando, tem as suas reliquias em a Cidade de Cordova. n. 271. p. 295.

Emprestimo.

He a vida emprestimo, porque não he nossa propria. n. 64. p. 66.

Enfermos, Enfermidades.

He o mudo hospital de enfermos. n. 86. p. 81.

São diferentes os enfermos, que se achão em o hospital do mundo. n. 86. p. 82.

Antes no mundo todos são enfermos. n. 124. p. 119.

Os pobres enfermos do mundo, são huns enfermos pobres, que dependem para a sua faude da assistencia da misericordia. n. 86. p. 83.

São diversos os remedios, que Christo applicou como Medico ás nossas enfermidades. n. 86. p. 81.

Foi tal o amor do Divino Medico, que chegou a tomar as nossas enfermidades sobre si. n. 86. p. 82.

A vida he a origem, & o mineral de todas as enfermidades. n. 124. p. 119.

Engano, Enganar.

O pomo da vida ao ver-se,

he engano do gofsto; & ao gostar-se, he desengano no tormento. n. 131. p. 126.

Aos viventes, hum sonho os engana, & outro os desengana, de que toda a vida he sonho. n. 147. p. 147.

Engeitados.

He o mundo hospital de engeitados. n. 86. p. 81.

A charidade que se usa com os engeitados, he mais q humana. n. 312. p. 355.

Engodo.

He a vida engodo, em que o anzol da morte se escõde em a isca de qualquer felicidade. n. 65. p. 67.

Engracia.

S. Engracia Portugueza padecio martyrio em Çaragoça, Metropoli de Aragoã, com outros dezoito Portuguezes; & o seu corpo está em a dita Cidade. n. 271. p. 296.

Enigma.

He enigma tudo o que se vê na vida. n. 62. p. 65.

Erva.

A vida he erva do campo. n. 164. p. 166.

Eschola.

Eschola.

O mūdo he eschola da vaidade. n. 139. p. 137.

Escudo.

A Coroa mais he escudo para os golpes dos reparos, que para reparo dos golpes. n. 195. p. 218.

Esmola.

A esmola deve fazer-se em segredo. n. 302. p. 343.

Deve ser occulta para evitar a jactancia, & publica para provocar com o exemplo. n. 302. p. 344.

Especiosa.

A Rainha deve ser especiosa. n. 10. p. 13.

Espelho.

A vida he espelho, em que huns se vem, & revem para o ornato, & outros se não querem ver para o desengano. n. 62. p. 64.

Espinho.

A vida he espinho, que nasce só para picar. n. 63. p. 66.

Espirito.

O chegar a tirar de si para outrem o vestido proprio, he hum acto tam heroico, que para elle parece não

bastar hum só espirito. n. 309. p. 351.

Esposos.

Os Esposos, ou são duas almas em hum só corpo, ou dous corpos com hũa só alma. n. 2. p. 2.

A segūda felicidade da nossa Rainha, foi ser Conforte de hum tal Esposo. n. 215. p. 241.

Esquecer.

O homem esquece-se facilmente do seu nascimento. n. 62. p. 66.

Esther.

Esther foi excepção da ley fulminada por Assuero. n. 22. p. 33.

Estimação.

O ouro, quanta mais estimacão delle se faz, tanto menos he. n. 197. p. 222.

Estio.

A vida he estio, que abraza tudo. n. 66. p. 67.

O estio da morte muitas vezes se anticipa á primavera da vida. n. 127. p. 122.

O Estio foi o tempo proprio para a morte da nossa Rainha. n. 235. p. 403.

Estoicos.

Estoicos.
Os Estoicos só na fabledoria, ou na virtude collocavaõ a nobreza. n. 208. pag. 233.

Estopa.
A vida he estopa, que levemente o vento leva, & o fogo facilmente abraza. n. 67. p. 67.

Estratagema.
Foi estratagema da natureza nascerem os mortaes sem o lume da razaõ. num. 116. p. 111.

Estrellas.
Saõ os homens na terra, como as Estrellas no Ceo. n. 29. p. 42.

He a vida Estrella, em que o luzimento he previa disposiçaõ para o precipicio. n. 68. p. 67.

Estudo.
Saõ os mundanos abominaveis nos seus estudos, porque todos saõ pessimos. n. 139. p. 137.

Na universidade do mundo o estudo de todos se applica à avareza. n. 187. p. 207.

Eva.
Foi formada da costa de Adão adormecido. num. 24. p. 36.

Eufemia.
S. Eufemia Portugueza hõra com as suas cinzas a Igreja mayor de Orense. n. 278. p. 296.

Ezechias.
Ezechias chorou annunciandofelhe a morte. n. 1. p. 2.
Reynou vinte, & nove annos. n. 22. p. 32.

F

Fabula.
A Vida he fabula, cuja bondade não consiste no quanto, senão no como. n. 69. p. 68.

Facil.
O Rey deve ser facil. n. 240. p. 255.

Faisca.
A vida he faisca, que desprezada excita grande incendio. n. 70. p. 69.

Fantasma.
A vida he fantasma, que mete

mete medo; & fantasma
apparente da imaginaçãõ.
n.76.p.72.

Fausto.

S. Fausto companheiro de
Santa Engracia honra cõ
as suas reliquias a Navar-
ra.n.271.p.296.

Fè.

Os Portuguezes foraõ os
primeiros, que (excepto
Judèa, & Samaria) abra-
çáraõ a Fè de Christo. n.
265.p.285.

Feira.

O mundo he feira. n. 188.p.
208.

Felicidade.

A primeira felicidade da
nossa Rainha foi, o ser Fi-
lhade taes Pays. n. 207.p.
223.

A segunda foi, o ser Con-
forte de hum tal Esposo.
n.215.p.241.

A terceira foi, o ser Mãy de
taes Filhos. n.253.p.269.

A quarta foi, o ser Senhora
de taes Vassallos. n. 264.p.
283.

A Rainha D. Maria Sofia
não punha tanto a sua fe-

licidade no excelso de seu
ditoso desposório, quan-
to no sublime de seu pre-
claro procedimêto. num.
245.p.258.

Os Filozofos antigos atten-
dendo ás pensões, que
trazem comfigo os filhos,
não tinhaõ a sua propaga-
çãõ por felicidade. n. 248.
p.263.

Fenix.

A morte da nossa Rainha
foi como a da Fenix.num.
365.p.414.

Feno.

A vida he feno, que fenece,
& logo morre. n.73.p.70.

Fermoso, Fermosura.

O pomo da vida he nocivo
á alma, se fermoso á vista.
n.131.p.126.

A fermosura o que he.num.
201.p.225.

Todo o fermoso he cadu-
co; & mais caduco, quan-
to mais fermoso. n. 332.p.
380.

Figura.

As figuras do mundo, & da
vida todas são transito-
rias. n.134.p.129.

Não

Não são o que parecem,
nem parecem o que são.

Ibid.

Todas se desfigurão na
morte. n. 134. p. 131.

A vida he syllogismo, que
conclue em todas as figu-
ras, porque a todas con-
clue. n. 149. p. 149.

Filhos.

Melhor he que os pays se
gloriam nos filhos, que
gloriarem-se os filhos nos
pays. n. 217. p. 237.

Que cousa sejaõ os filhos. n.
248. p. 263.

A infelicidade mayor das
mãys, he o não ter filhos.
n. 249. p. 264.

Não ha cousa tam estima-
vel para os pays, como o
ter filhos. *Ibid.*

Ainda para Deos, he glo-
ria o ter filho. n. 250. p. 264.

A pena mayor das mãys, he
a dor de não ter filhos. n.
251. p. 266.

O não ter filhos de tal sorte
he a mayor pena das
mãys, que tambem he a
pena mayor dos pays. n.
252. p. 267.

A mayor miseria dos pays,
he o morrer sem filhos. n.
252. p. 268.

A criaçãõ dos filhos he
cousa de muito perigo, &
de muito custo. n. 259. pag.
275.

A boa criaçãõ dos filhos he
o que mais importa aos
pays. n. 260. p. 276.

He gala das mãys a boa
criaçãõ dos filhos. n. 261.
p. 277.

Castigalos, & reprehende-
los, he amalos. n. 261. pag.
278.

O amor demafiado, que
hum pay teve a hum filho,
foi a raiz da idolatria. *Ibid.*

Em os pays criarem bem
aos filhos, vem a interes-
sar muito os filhos, & mais
os pays. n. 262. p. 279.

Os pays que criaõ bem aos
filhos, são duas vezes
pays. *Ibid.*

A Rainha D. Maria Sofia ap-
plicou todo o cuidado a
criar bem aos seus filhos,
tendo por mayor felici-
dade, que fossem bons,
do que fossem muitos. n.
259. p. 275.

A

A boa criação dos filhos,
parece foi a causa da sua
morte. n. 263. p. 282.

O mayor amor de hũa mãy
aos filhos, he sacrificarlos
a Deos, pelos livrar de
peccados. n. 294. p. 331. &
n. 295. p. 332.

A mais illustre charidade,
he a que trata os filhos a-
lheyos, como que se fos-
sem proprios. n. 311. p. 353.

Fim.

A morte he o fim de todas
as questões. n. 139. p. 137.

Fio.

A vida he fio, que facilmen-
te se rompe. n. 74. p. 70.

Flevel.

O Rey deve ser flevel. n.
236. p. 254.

Flor, Florido.

A vida he flor, que pouco
dura. n. 71. p. 69.

He flor do campo. *Ibid.*

Nas flores da vida o tempo
de apparecer, he já tem-
po de segar. n. 95. p. 91.

Na vida apenas apparecem
as flores, quando as cor-
taõ as penas. n. 127. p. 122.

Todo o florido he mortal,

& mais mortal, quanto
mais florido. n. 333. p. 381.

Fogida.

A vida he hũa continua fo-
gida. n. 165. p. 167.

Fogo.

Em tudo tem fogo os máos.
n. 79. p. 76.

Folha.

A vida he folha, que logo
cahe, & se seca. n. 72. p. 70.

Fórma.

Os viventes transformaõ-
se em fórmas más, deven-
do transformar se em fór-
mas boas. n. 154. & 155. p.
156.

Fortaleza, Forte.

O Rey deve ser forte. num.
222. p. 250.

A fortaleza não se defacre-
dita com as lagrimas. n. 1.
p. 2.

Fortaleza do mundo o que
he. n. 199. p. 224.

A sabedoria precede á for-
taleza. n. 277. p. 304.

A fortaleza não he sabedo-
ria, mas a sabedoria he
fortaleza. *Ibid.*

A fortaleza dos Portugue-
zes he taõ applaudida dos

naturaes, como celebra-
da dos estranhos. n. 284. p.
314.

Fortuna.
O vivente he hum escarneo
da fortuna, & hum ludi-
brío da terra. n. 168. p. 168.

Fumo.
A vida he fumo. n. 75. p. 71.
Os luzimentos do mundo,
se para os olhos da terra
saõ capazes de exhalar fu-
mos, como tem o princi-
pio no pò, & a origem na
cinza, causa estranheza ao
Ceo ainda o mais tenue
fumo em todo esse luzi-
mento. *Ibid.*

Fundadores.
S. Joaõ da Matta, que, se-
gundo a melhor opiniaõ,
foi Portuguez, foi Funda-
dor da preclarissima Reli-
giaõ da Santissima Trin-
dade em França. n. 269. p.
292.
O Beato Amadeo da dos
Amadeos em Italia. *Ibid.*
D. Beatriz da Sylva, da da
Conceiçaõ em Castella.
Ibid. p. 293.
S. Damaso da Ordem de S.

Lazaro em Italia. *Ibid.*
El Rey D. Affonso Henri-
ques da de Aviz, & da de
S. Miguel, ou da Ala. *Ibid.*
El Rey D. Diniz da de Chri-
sto. *Ibid.*
Da Celestial Congregaçaõ
de S. Joaõ Euangelista, o
Veneravel Mestre Joaõ,
D. Affonso Nogueira, &
Martim Lourenço. *Ibid.*

G

Gala.

HE gala das mãys a boa
criaçã dos filhos. n.
261. p. 277.

Galè.

A vida he galè. n. 77. p. 73.

Genealogia, Gerações.

Em toda a genealogia se a-
chaõ homens de todos os
estados. n. 192. p. 214.

Saõ as gerações como as
arvores. n. 192. p. 215.

Generosidade.

O mesmo Deos não acaba
de explicar a generosida-
de de Abrahaõ na morte
intentada de Isaac. n. 252.
p. 268.

Giran-

Girandola.

A vida he girandola, que anda sempre em hũa roda viva. n. 79. p. 75.

Gloria, Gloriar, Gloriosa.

A Rainha deve ser gloriosa em o throno. n. 10. p. 13.

Toda a gloria do throno por remate, & por ultimo vem a terminar-se em lodo, & a concluir-se em barro. n. 195. p. 219.

Melhor he q os pays se gloriem nos filhos, que gloriarem-se os filhos nos pays. p. 213. p. 237.

Ainda para o mesmo Deos he gloria o ter filho. n. 250. p. 264.

A casa, que Deos enche de paz, está habitada, & chea de gloria. n. 300. p. 340.

Gosto.

Christo, quando lhe deraõ a nova da morte de Lazaro, declarou que tinha gosto; & derramou lagrimas na sua resurreiçaõ. n. 116. p. 111.

O pomo da vida, ao gostar-se, he defengano no tormento, se ao ver-se he en-

gano do gosto. n. 131. pag. 126.

Grandes, Grandeza.

Os grandes estaõ mais visinhos á morte. n. 30. p. 44.

Toda a grandeza do mundo he sonhada, & obra da fantesia. n. 147. p. 147.

Faz Deos pequeno ao que se faz a si grande, & grande ao que se faz a si pequeno. n. 322. p. 268.

Grimpa.

A vida he grimpa agitada do vento. n. 80. p. 76.

Guerra.

A vida he guerra, em que o viver he continuo militar. n. 78. p. 74.

H

Habito.

O Vestido he hum accidente, que constitue o predicamento do habito; & a vida, ainda a de mayor predicamento, he hum habito, que por accidente dura, & por accidente acaba. n. 159. p. 162.

Hera.

Cada hum dos viventes he como a Hera de Jonas. n. 121. p. 115.

Historia.

A vida he historia, em que tudo o q se conta he passado. n. 83. p. 79.

Hoje.

A vida quando muito só póde ter o nome de Hoje. n. 203. p. 228.

Holocausto.

A vida he holocausto. n. 84. p. 80.

Homem.

O homem no sensitivo desempenha o racional. n. 12. p. 15.

São os homens na terra como as Estrellas no Ceo. n. 29. p. 42.

O homem nasce para o trabalho. n. 58. p. 62.

E para Cruzes. *Ibid.*

O homem facilmente se esquece do seu nascimento. n. 62. p. 66.

São os homens peixes, que engodados da enganadora isca de qualquer felicidade, em o engodo da vida

tragaõ o anzol da morte. n. 65. p. 67.

O homem experimenta pelo mayor contrario tudo o que ama como amigo. n. 78. p. 74.

Ao homem tudo o mata. *Ibid.*

O proprio homem he inimigo de si mesmo, & em si tem os mayores contrarios. *Ibid.* p. 75.

O homem pelo peccado de Adão ficou hum pobre enfermo. n. 86. p. 81.

O mesmo he hum homem vivo, que hum homem morto. n. 99. p. 94.

São os homens por antonomasia os mudaveis. n. 102. p. 98.

Foi ardid, & estratagemas da natureza nascerem os homens sem o lume da razão. n. 116. p. 111.

O homem he Náo. n. 117. p. 112.

A vida do homem ainda he mais breve que a do Sol. n. 123. p. 118.

O homem he imagem, de quem Deos foi o Pintor. n. 128. p. 124.

Os

Os homens, devendo adorar a Deos, de quem são imagens, adoraõ outras imagens, como a seu Deos. n. 128. p. 124.

Todos os homens são pò, não só pelo que foraõ, & haõ de fer, senão pelo que estaõ sendo. n. 132. pag. 137.

Os homens fazem vida de murmurar. n. 170. p. 170.

Vaõ-se atraz das mentiras do mundo. n. 177. p. 190.

Honesto.
O Rey deve fer honesto. n. 235. p. 254.

A vida he hora, que não dura mais, que por instantes. n. 82. p. 78.

Repartida bem toda a duração da vida pelas horas de hum dia, falta vida, & fobejaõ horas. n. 82. p. 78.

A mais adequada hora para o felice obito da nossa Rainha foi a do fim da tarde. n. 363. p. 412.

Horror.
A vida he horror. n. 81. p. 77.

Hospedajem, Hospede.

A vida he hospedajem. n. 85. p. 80.

Costuma o mundo convidar aos seus hospedes da mesma sorte, que Eliogabalo hospedava aos seus convidados. n. 180. p. 196.

Hospital.

São diferentes os enfermos, que se achaõ em o hospital do mundo. n. 86. p. 82.

Humilde, Humildade.

O Rey deve fer humilde. n. 227. p. 251.

O lavar os pès aos pobres hum fugeito illustremente soberano, he hum acto tam heroico de humildade, que parece impossivel; porque se se conhece, o não executa; & se o executa, mostra que se não conhece. n. 315. p. 358.

Semelhante acto de humildade só póde fer effeito de hum amor indizivel. n. 316. p. 360.

Tam longe está esta acção de humildade de fer deflustre do conhecimento, & da soberania, que antes he realce, & credito da soberania, & do conhecimento. *Ibid.*

An-

Antes nunca hum fugeito
mais se acredita de senhor,
do que quando abate a so-
berania a hum tal acto de
humildade. n. 316. p. 360.

De tal forte se estabelece a
magestade no abatimen-
to, & a soberania na hu-
mildade, que se falta a hu-
mildade, desaparece a so-
berania. n. 317. p. 362.

Não são menos para vene-
radas as Coroas humilde-
mente abatidas, antes quã-
do abatidas, então mais
para veneradas. n. 318. p.
362.

Os que são fervos de Deos,
não fundão a soberania no
ornato das Coroas, senão
no desprezo dellas; & só
as seguraõ na cabeça, quã-
do pela humildade as lan-
çaõ aos pès. n. 319. p. 363.

Os fervos de Deos tem as
Coroas nas Coroas, que
pela humildade não tem.

Ibid.

O instrumento mais pro-
prio da exaltação he a hu-
mildade. n. 322. p. 367.

Deos costuma abater aos

que apostaõ a se exaltar,
& a exaltar os que estu-
daõ em se abater. n. 322. p.
368.

I

Idade.

CAda idade da vida,
não he mais que hũa
hora. n. 82. p. 78.

Hũa idade, he morte de
outra idade. n. 97. p. 92.

Quantas mais idades o ho-
mem anhela, tantas mais
mortes de idades suspira.

Ibid.

Nenhũa idade começa a a-
crescentar-se, sem q prin-
cipie em diminuir-se. n.
98. p. 94.

Quãto mais se cahe na ida-
de, mais se descahe da vi-
da. n. 185. p. 132.

Não deve ser tam sensivel a
morte da nossa Rainha,
por parecer, que era pre-
ciso o fatal golpe da sua
morte em trinta, & tres
annos da sua idade. n. 334.
p. 382.

Idolatria.

Idolatria.
O amor demasiado, que hũ
pay teve a hum filho, foi a
raiz da idolatria. n. 261. p.
278.

Feroboaõ.
Jeroboaõ reynou vinte, &
dous annos. n. 22. p. 32.
Outro Jeroboaõ reynou
quarenta, & hum anno.
Ibid.

Jehu.
Jehu reynou vinte, & oito
annos. *Ibid.*

Ignorancia.
As cadeiras da universida-
de do mundo, em que de-
viaõ ler se sómente scien-
cias, são suggestos de ig-
norancias. n. 139. p. 135.

Igreja.
Os Portuguezes foraõ os
primeiros Christãos, que
tiveraõ Igreja levantada
à honra de Deos. n. 265. p.
285.

Foraõ estes sempre grandes
defensores da Igreja, &
acerrimos perseguidores
dos inimigos de Deos. n.
268. p. 292.

Imagem.
He a vida imagem de mor-
te cor. n. 90. p. 85.

Não he hũa só, mas diffe-
rentes imagens. n. 90. p. 86.
A imagem do homem teve
a Deos por Pintor. n. 128.
p. 124.

Os homens devendo ado-
rar a Deos, de quem são
imagens, adoraõ outras
imagens como a seu Deos.
n. 128. p. 124.

Todas as imagens da vida,
são de muito debil fer. n.
62. p. 65.

Imperio, Imperioso.
A justiça, & a misericordia
são os dous pólos, em que
se estabelecem firmemen-
te os Imperios. n. 218. pag.
246.

A Rainha deve ser imperio-
sa. n. 10. p. 13.

Incendio.
A vida he incendio, em que
as luzes, que illustraõ, são
chamas, que abrazaõ. n.
89. p. 85.

Infelicidade.
A mayor infelicidade das
mãys, he o não ter filhos.
num.

num.249.pag.264.

Innocente.

O Rey deve ser innocente.

n.233.p.253.

Inquisição, Inquisidor.

D. Beatriz da Sylva Portugueza fez introduzir em Castella o Santo Tribunal da Inquisição. n.269.p.293.

Dom Fr. Balthazar Limpopo Carmelita Portuguez trouxe a este Reyno o Santo Tribunal da Inquisição. n.280.p.309.

D. Fr. Joseph de Lancaastro Carmelita, filho desta Provincia, he actualmête meritissimo Inquisidor Gèral deste Reyno. *Ibid.*

Intrepido.

O Rey deve ser intrepido.

n.221.p.250.

Inverno.

A vida he Inverno. n.88.p.85.

Foaõ.
S. Joaõ da Matta Fundador da preclarissima Religiaõ da Santissima Trindade em França, segundo a melhor opiniaõ, foi Portuguez. n.269.p.292.

S. Joaõ de Deos natural de

Monte Mòr o Novo fundou a Ordem dos Enfermeiros em Espanha. *Ibid.*

Está sepultado em Granada. n.271.p.295.

A Celestial Congregaçaõ de S. Joaõ Euangelista toda he Portugueza, & nunca sahio de Portugal. num.269.p.293.

O Veneravel Mestre Joaõ, foi hum dos Fundadores da dita Congregaçaõ. *Ibid.*

O grande Fr. Joaõ Sobrinho Portuguez, foi Religioso da Ordem do Carmo. n.280.p.308.

Foatan.

Reynou dezaseis annos. n.22.p.32.

Foaz.
Reynou dezaseis annos. *Ibid.*

Fogo.
A vida he jogo de cartas. n.87.p.84.

E he tambem jogo de dados. *Ibid.*

Tambem he jogo de xadres. n.166.p.168.

Fosaphat.
Reynou vinte, & cinco annos.

Onos. num. 22. pag. 32.
Fozias.
 Chorou intimandolhe os
 ameaços de Deos. n. 1. p. 2.
 Reynou trinta, & hum an-
 no. n. 22. p. 32.
Iris.
 A vida he Iris. n. 91. p. 86.
Ironia.
 He a vida hũa ironia. n. 92.
 p. 87.
Fusto, Fustificação.
 O Rey deve ser justo. n. 225.
 p. 251.
 O ser justo parece privile-
 gio contra a morte. n. 18.
 p. 25.
 As obras dos justos faõ se-
 gurança da vida. *Ibid.*
 Os justos recolhem, & tra-
 balhaõ; os peccadores tra-
 balhaõ, & não recolhem.
 n. 104. p. 100.
 Os justos. faõ huns mortos
 vivos; os peccadores, hũs
 vivos mortos. n. 132. p. 127.
 Entoaõ a Deos hum Me-
 mento os justos, & Deos
 intima outro aos peccado-
 res. n. 133. p. 128.
 São muitas as diferenças
 entre a morte dos justos,

& a dos peccadores. num.
 205. p. 231.
 Os justos achaõ na paz a
 serenidade da alma. num.
 299. p. 339.
 Estaõ sempre em o fim da
 vida agonizando com a
 morte. n. 329. p. 376.
 Estaõ sempre em as mãos
 de Deos pelo perigo da
 vida. *Ibid.*
 O ser justo, & o ser morto,
 saõ termos quasi identi-
 cos. *Ibid.* & n. 330. p. 377.
 Os justos nunca mais vi-
 vos, que quando mortos.
 n. 330. p. 368.
 Quem considera que hum
 justo melhora de vida na
 morte, não sente tanto a
 morte do justo. n. 331. pag.
 379.

L

Labyrintho.
A Vida he labyrintho,
 como o de Creta. n.
 100. p. 96.
Laço.
 A vida he laço, em que a al-
 ma se acha preza na terra.

Rrr num,

num. 101. pag. 96.
Tudo em a vida são laços.

n. 101. p. 97.

Lagrimas.
As lagrimas não são menoscabão da fortaleza, nem desdouro da regalia. n. 1.

p. 2.

Os olhos, que estão empregados em chorar, não estão impedidos para ver.

n. 5. p. 6.

Os Massilienses, & Filósofos antigos prohibião o chorar em as mortes dos defuntos. n. 12. p. 14.

O impedir as lagrimas em a morte dos defuntos, he irracionalidade. num. 12.

p. 14.

Atè hũa pedra chorou pela morte de Maria. n. 12. p. 15.

Tanto se desempenha o racional no flevel, como no risível. *Ibid.*

As lagrimas são hũa agua, que he effeito do fogo.

Ibid.

Não só são desafogo da dor, senão credito do amor.

As lagrimas. n. 12. p. 16.

As lagrimas pelos defun-

tos são louvaveis, pelo que tem de piedosas. n. 13.

p. 16.

O mesmo Espirito Santo as aconselha. *Ibid.*

Na morte de pessoas grandes, os discursos que melhor discorrem, são as lagrimas que correm. n. 14.

p. 17.

As lagrimas são poderosas para alcançar de Deos a dilação da vida. num. 20.

p. 30.

As que se choraõ em a morte, tem o seu enfayo nas que se derramaõ ao nascer para a vida. n. 24. p. 36.

Mais mercedor de lagrimas he o nascimento, que a morte. n. 106. p. 101.

Em lagrimas se nasce, em lagrimas se vive, & em lagrimas se morre. num. 107.

p. 102.

Christo declarou que tinha gosto, quando lhe deraõ a nova da morte de Lazaro, & derramou lagrimas na sua resurreiçãõ. n. 116.

p. 117.

Lamentar, Lamentação.

No mundo ha huns mortos que se lamentaõ, & outros que lamentaõ aos mortos, & todos saõ mortos. n.93.p.87.

A vida he musica, na qual os canticos alegres remataõ em lamentações funebres. n.113.p.106.

Ley.

Não ha privilegio, que exima da ley da morte. num. 150.p.151.

Lenitivo.

Nas grandes dores, só á medicina pertencem os Lenitivos. n.5.p.7.

Letras.

As mesmas letras, de que a vida se compoem, inculcaõ o que ella he. num. 35.p.52.

Todas as letras do Alfabeto intimaõ o que he a vida. *Ibid.*

As proprias letras, de que se compoem o nome do mundo, daõ a conhecer o que elle he. n.174.p.185.

Liberal.

O Rey deve ser liberal. n. 231.p.253.

Da mesma forte a Rainha. n.10.p.13.

Liberata.

S.Liberata Portugueza he Padroeira do Bispaado de Siguença. n.271.p.295.

Nasceo do mesmo parto com mais oito irmãs, & todas foraõ Santas. *Ibid.*

Liberdade.

A vida he carcere para os que amaõ a liberdade. n. 48.p.57.

Lida.

A vida he lida, porque toda he trafego, & trabalho. n. 103.p.98. & n. 104.p. 99. & n.105.p.100 & n.106.p. 101.

Lizonja, Lizonjeiro.

A lizonja he mal perpetuo dos Reys. n.14.p.18. Os lizonjeiros mais respeitãõ a Purpura, que a Divindade. *Ibid.*

Locura.

A vida he locura. n.60.p.63.

Louvor.

O louvor, que se impede em a vida, permite se em a morte. n.14.p.18.

Lua.

A Lua he Rainha do Ceo. Rrr ij num.

num. 8. pag. 10.
 Chama-se tal por ser unica
 na luz. n. 9. p. 12.

A Rainha D. Maria Sofia,
 foi Lua, pelo que teve de
 unica. *Ibid.*

A vida he mudavel como a
 Lua. n. 102. p. 97.

Lucto.

A vida he lucto. n. 107. pag.
 102.

Luz, Luzimento.

A vida he luz de vela, & luz
 de candeia. n. 108. p. 103.

No mundo, nem tudo o que
 luz he ouro. n. 197. p. 221.

O luzimento he previa dis-
 posição para o precipicio.
 n. 68. p. 67.

Os luzimentos da vida, &
 do mundo, se para os
 olhos da terra são capa-
 zes de exhalar fumos, co-
 mo tem o principio no
 pó, & a origem na cinza,
 causa estranheza ao Ceo
 ainda o mais tenue fumo
 em todo esse luzimento.
 n. 75. p. 71.

M

Mãys.

A Infelicidade mayor
 das mãys, he o não
 ter filhos. n. 249. p. 264.

Não ha dor mayor para as
 mãys, que a dor de não
 ter filhos. n. 251. p. 266.

He gala das mãys a boa
 criação dos filhos. n. 261. p.
 277.

O mayor amor para com
 Deos em hũa mãy, he o sa-
 crificarlhe os filhos pelos
 prefeverar dos peccados.
 n. 294. p. 331. & n. 295. p. 332.

Maná.

A vida he maná pela pouca
 duraçãõ, & muita fragili-
 dade. n. 110. p. 105.

Manasses.

Reynou cincoenta, & cin-
 co annos. n. 22. p. 32.

Mãos.

Os mãos deformaõ-se, & os
 bons, reformaõ-se. n. 155.
 p. 156.

Os mãos em tudo tem fo-
 go. n. 79. p. 76.

Rainha

Rainha D. Maria Sofia.

A Rainha D. Maria foi Lua,
pelo que teve de unica. n.
9. p. 12.
Recopilou em si as perfei-
ções mais famofas. num. 9.
p. 12.
Satisfez exactamente em
tudo as obrigações, que
andaõ avinculadas á ma-
gestade do folio. num. 10.
p. 13.
Todas as virtudes se achá-
raõ nella como em com-
pendio. n. 14. p. 18.
Na fua morte tem todos ra-
zaõ para o sentimento. n.
15. p. 20.
Desempenhou cabalmente
as propriedades de Aguia.
n. 16. p. 23.
Na fua morte o mesmo mo-
tivo do pranto deve sub-
ministrar fundamento pa-
ra o alivio. n. 24. p. 35.
Não punha tanto a fua feli-
cidade no excelso de feu
ditoso desposorio, quan-
to no sublime de feu pre-
claro procedimêto. num.
245. p. 258.
Logrou a grande felicidade

de fer mãy de muitos fi-
lhos. n. 253. p. 269.
Edificou a fua casa em to-
dos os fentidos, que póde
ter este verbo *Edificar*. n.
253. p. 270.
Edificou-a sobre fete colú-
nas. n. 256. p. 272.
Applicou todo o cuidado á
boa criação dos filhos. n.
259. p. 275.
A boa criação dos filhos,
foi parece causa da fua
morte. n. 263. p. 282.
Teve grande amor a Deos.
n. 291. p. 326.
Vio-se em muitas occasiões
inflâmado o feu rosto ao
practicar de Deos. *Ibid.*
Mostrava o muito q amava
a Deos no muito que o te-
mia. n. 293. p. 329.
Foi Rainha sem semelhan-
te em a terra. n. 293. p. 330.
Pedia muitas vezes a Deos,
que se todos os seus filhos
não houvessem de fer bõs,
os levasse para si todos. n.
294. p. 331.
Tinha grãde odio aos pec-
cados. n. 296. p. 334.
A' custa de fua Real fazen-
da

da evitou muitas offensas de Deos; fazendo todo o estudo em não admittir em si peccados proprios, punha toda a applicação em evitar os alheyos. n. 297. p. 335.

Foi o seu amor a Deos, no modo que póde fer, como o de Deos a nós. n. 297. p. 336.

Foi incansavel o seu disvelo em introduzir, & conservar a paz em os seus domesticos. n. 298. p. 337.

Acreditou a magestade em fer desta forte Authora da paz. n. 299. p. 338.

Em isto se ostentou imitadora de Christo. n. 299. p. 339.

Amava a Deos, para se desempenhar do muito que lhe estava a dever. n. 301. p. 341.

Esmerou-se summamente na virtude da charidade. n. 302. p. 343.

Fazia esmolas publicas, & secretas. *Ibid.*

Em hūas, & outras observava o resguardo, que a-

conselha Christo. *Ibid.*

Ostentava o mayor rigor da charidade em a exercitar pelas mãos proprias. n. 303. p. 345.

Em isto desempenhava a regalia. n. 304. p. 347.

Acreditou a magestade em vestir, & sustentar aos pobres. n. 306. p. 348.

Chegou em hūa occasiã a tirar os proprios vestidos para remediar a hūa pobre. n. 309. p. 350.

Obrando muitos actos de charidade para com os pobres mayores, para cõ os pobresinhos pequenos ainda eraõ mais extremos os actos da sua charidade. n. 311. p. 353.

Tratava os filhinhos alheyos, como que se fossem proprios. *Ibid.*

Foi Aguia juntamente, & pomba. n. 311. p. 355.

Acrecentou em o Hospital Real as amas para os engeitados á custa de sua Real fazenda. n. 312. p. 355.

Acodio no dito Hospital aos enfermos com dinheiro

ro para o ſeu ſuſtento, & com doces para o ſeu regalo. n. 313. p. 356.

No ſeu Palacio aſſiſtia com os mayores actos de charidade a todas as enfermas ſem excepção de peſſoas. n. 313. p. 357.

Foi pela ſua charidade merecedora de juſtiça, não fó da Coroa da terra, ſe não tambem da do Ceo. n. 314. p. 357.

Reſplandecia nella a humildade mais profunda. n. 315. p. 358.

Todas as ſextas feiras lava-va os pés aos pobres. *Ibid.*

Como amava a Deos muito, por iſſo ſe abatia tanto. n. 321. p. 366.

Não fó era humilde, ſe não a meſma humildade. num. 323. p. 368.

Foi ſingulariſſima na virtude da Religiaõ. n. 324. pag. 369.

Obſervou na morte a Religiaõ, que practicou em a vida. n. 327. p. 374.

A ſua boa vida foi pronõſtico da ſua boa morte.

num. 328. pag. 374.

Ajuſtiça da ſua vida a ſentenciou á morte. num. 329. p. 376.

Morrendo tam moça pela idade, já morreo velha pela virtude. n. 336. 337. p. 386.

Com os filhos que deixou, nos ſubminiſtrou a mayor conſolação em a ſua morte. n. 340. p. 390.

Convinha por credito da ſua regalia, que não morreſſe velha. n. 339. p. 389.

Foi Sol em conhecer o ſeu occaſo. n. 353. p. 402.

Morreo para noſſa conſolação no meſmo mez, em q morreo Maria Senhora noſſa. n. 4. p. 5.

Foi propria a ſua morte em o tempo do Eſtio. n. 355. p. 403.

Para Deos a fazer grande no Ceo, terminoulhe em doze annos o tempo da regalia; & para a fazer grande na terra, clauſulou a ſua vida em trinta, & tres annos de idade, & doze annos de Coroa. num. 349. p. 397. & n. 350. p. 398.

&

& num. 351. pag. 400.
 Foi propria a sua morte em
 o mez de Agosto. n. 356. p.
 405. & n. 357. p. 406.
 Também foi mysterioso para
 a sua morte o dia quarto
 de Agosto. n. 358. p. 407. &
 n. 359. p. 408. & n. 360. p. 409.
 & n. 361. p. 410. & n. 362. p.
 411.
 Teve duplicada Coroa; hũa
 temporal na terra, & ou-
 tra, como piedosamente
 se creè, eterna em o Ceo.
 n. 352. p. 401.
 Para a sua morte foi hora
 muito proporcionada o
 fim da tarde. n. 363. p. 412.
 Foi a sua morte, como a da
 Fenix. n. 365. p. 414.
 He o seu sepulchro o mais
 glorioso. n. 366. p. 415.

Martinho.

O Veneravel Martim Lou-
 renço, foi hum dos Fun-
 dadores da Congregaçãõ
 de S. Joaõ Euangelista. n.
 1269. p. 293.

Medicina, Medico.

Só a medicina tem reme-
 dios para mitigar grandes
 dores. n. 5. p. 7.

Christo foi Medico do ge-
 nero humano. n. 86. p. 81.

Mel.

Os Portuguezes foraõ os
 primeiros, que em Espa-
 nha acháraõ a invençãõ
 de colher o mel. n. 265. p.
 286.

Memento.

Entoaõ a Deos hum Me-
 memento os justos, & Deos
 intima outro aos pecca-
 dores. n. 133. p. 128.

Menhãa.

A vida he menhãa. n. 109. p.
 104.

Não he nella de tarde, o que
 he de menhãa. n. 125. pag.
 120.

Militar.

O viver he militar. num. 78.
 p. 74.

Miseria.

A vida he miseria. n. 114. p.
 107. & n. 115. pag. 109. & n.
 116. p. 111.

A mayor miseria dos pays,
 he o morrer sem filhos. n.
 1252. p. 268.

Misericordia.

A misericordia, & a justiça
 faõ os dous pólos, em que

se

se sustentaõ estavelmente
os Reynos. n. 218. p. 246.

Mocidade.

A mocidade, he a idade, que
se avalia por boa, & por
pulcherrima. n. 19. p. 28.

Que cousa seja a mocidade.
n. 200. p. 225.

Modesto.

O Rey deve ser modesto.
n. 240. p. 255.

Moinho.

A vida he moinho, que sem-
pre gyra, & nunca descan-
ça. n. 111. p. 105.

Molestia.

Desde o nascimento até a
morte, tudo saõ molestias,
& toda a duraçaõ da vida
temores. n. 115. p. 110.

Momento.

A vida he momento ao du-
rar, & momento ao fene-
cer. n. 112. p. 106.

Morte, Morrer.

A morte he a mayor dor. n.
2. p. 2.

Na morte de dous aman-
tes, a alma do que fica, fica
como cera. n. 2. p. 3.

Nemo Filho de Deos, nem
sua fagrada Mãe foraõ pri-

vilegiados da morte, sen-
do em tudo o mais privi-
legiados. n. 4. p. 5.

A memoria da morte he a-
margosa. *Ibid.*

As mortes das Rainhas não
se devem referir, porque
senão podem expressar. n.
7. p. 9.

Muito sensível deve ser a
morte de hum grande
Rey; mas a mayores ex-
cessos de sentimento, he
acredora a morte de hũa
grande Rainha. n. 8. p. 10.

Na morte de hũa cabal Rai-
nha, tudo devem ser de-
monstrações de sentimẽ-
to. n. 11. p. 14.

Os Massilienses, & Filoso-
fos antigos prohibiaõ as
lagrimas em a morte dos
defuntos. n. 12. p. 14.

Na morte de pessoas gran-
des, as lagrimas, que cor-
rem, saõ as que melhor
discorrem. n. 14. p. 17.

Não se prohibe na morte o
louvor, que se impede na
vida. n. 14. p. 18.

He a morte representada
na tarde. n. 15. p. 20.

Na morte dos grandes, até
as pedras sentem. num. 15.

p. 24.

Costuma Deos dilatar a vi-
da aos bons, & incurrta la
aos máos. n. 19. p. 28.

He muito sensível aos Reys
o morrer na flor da idade.

n. 20. p. 29.

A morte intempestiva he
motivo da mayor dor. n.

21. p. 31.

O principio da vida he
exordio da morte. num.

24. p. 36.

He o sono espelho, paren-
te, & irmaõ da morte. n.

24. p. 36.

A mãy da vida nasceo da
imagem da morte. n. 24.

p. 36.

Não tem a morte *porque*
mais certo, que a vida, &
o nascimento. n. 25. p. 37.

O mesmo he nascer, que
morrer. *Ibid.*

Anda a morte tam preveni-
da para o nosso estrago,
que ainda se anticipa ao
nosso nascimento. n. 26.

p. 38.

A vida ainda he, & a morte

já foi. n. 26. pag. 39.

He a morte universal para
todos. n. 27. p. 39.

A morte não respeita esta-
dos, sexos, ou idades. n.

28. p. 41.

Os Poetas, ainda Genticos,
reconheceraõ a univerfa-
lidade da morte. num. 29.

p. 43.

A morte mais se arma con-
tra os grandes, & podero-
fos, que contra os humil-
des, & pequenos. num. 31.

p. 46.

Depois da morte não ha
diferença entre os gran-
des, & os pequenos. n. 81.

p. 47.

Não ha mayor consolação
para o sentimento da mor-
te, do que a mesma mor-
talidade. n. 32. p. 48.

Descripção da morte. n. 33.

p. 49.

O anzol da morte esconde-
se no engodo da vida. n.

65. p. 67.

Tudo mata ao homem. n.

78. p. 74.

Não ha para a vida do ho-
mem, mais que dous tem-
pos,

pos,

pos, hum o de nascer, & outro o de morrer. n. 94. p. 89.

O que parece vida, he morte, porque está a morte na mesma vida. n. 94. p. 89.

Em ordem á morte, cada hum he o que hade ser. n. 95. p. 90.

He para os homens a morte vida, só porque haõ de perder depois a vida ás mãos da morte. n. 96. p. 91.

He a vida hũa continua, & successiva morte. num. 97. p. 92.

Hũa idade he morte de outra idade. *Ibid.*

Quantas mais idades hum homem anhella, tantas mais mortes de idades suspira. *Ibid.*

Em quanto vivemos no mundo, mais temos nelle de mortos, do que de vivos. n. 98. p. 92.

Desde que hum homem nasce, morre. n. 98. p. 94.

O mesmo he hum homem vivo, que hum homem morto. n. 99. p. 94.

A differença de hum mor-

to a hum vivo, he a que vai de hum que está dormindo, a outro que está desperto. n. 99. p. 95.

As figuras da vida desfigurã-se na morte. n. 134. p. 131.

O mesmo he ser mortal, que ser morto. n. 99. p. 95.

A morte he hũa morte só, & he a vida muitas mortes. *Ibid.*

Mais para festejada he a morte, que o nascimento. n. 106. p. 101.

Em lagrimas se nasce, em lagrimas se vive, & em lagrimas se morre. n. 107. p. 102.

O homem primeiro morre, do que viva. n. 112. p. 106.

O nascimento, & a morte assim entre os Latinos, como entre os Portuguezes não se distinguem mais q̃ em hũa só letra. n. 115. pag. 109.

Christo declarou que tinha gofsto, quando lhe deraõ a nova da morte de Lazaro; & derramou lagrimas na sua resurreiçaõ. n. 116. p. 111.

O estio da morte muitas vezes se anticipa á primavera da vida. n. 127. p. 122.

A porta da vida, & a porta da morte são tam visinhas, que se equivoca hũa com outra. n. 130. p. 126.

O pomo da vida não só o colhe a morte depois de maduro, senão antes de cezoadado. n. 131. p. 126.

Na apparencia he pomo da vida, na realidade pomo da morte. *Ibid.*

Os homens na vida são pò organizado, na morte pò defunido. n. 132. p. 127.

Os justos são huns mortos vivos, os peccadores huns vivos mortos. n. 132. p. 127.

Morrer, he pagar de todo á natureza o que se lhe está devendo. n. 136. p. 133.

A morte he hũa quitação geral, pela qual consta, que se tem pago de todo o que se devia á natureza. n. 136. p. 134.

He o fim de todas as questões. n. 139. p. 137.

Tanto que o vivente chega á baliza, & ao termo

da morte, he como que se não fora. n. 145. p. 145.

O sono da morte he descansado, o da vida inquieto. n. 146. p. 146.

A morte he consequencia de hum syllogismo. n. 149. p. 149.

He conclusão, em que influem as premissas da vida. n. 149. p. 150.

Não ha privilegio, que exima da ley da morte. n. 150. p. 151.

He a morte o ultimo acto da tragedia da vida. n. 153. p. 154.

A morte he resoluçãõ. num. 158. p. 161.

He ecco da vida. n. 162. pag. 164.

O peccador zõba de Deos em a vida, & Deos zomba d'elle em a morte. n. 168. p. 169.

A morte he descanso dos trabalhos, porto dos males, & perfugio das misérias. n. 173. p. 184.

São tantos os males da vida, que em sua comparação mais he remedio, que pena

pena a morte. *Ibid.* p. 709.

A vida temporal em comparação da eterna, mais deve chamar-se morte, que vida. n. 203. p. 228.

A morte he consequencia forçosa que se segue das premissas da justificação da vida. n. 205. p. 231.

São muitas as differenças entre as mortes dos justos, & peccadores. *Ibid.*

O mesmo Deos não acaba de explicar o generoso acto de Abrahão na morte intentada de Isaac. n. 252. p. 268.

O amor he semelhante á morte em alterar as cores. n. 292. p. 328.

Os justos estão sempre em o fim da vida agonizando com a morte. n. 329. p. 376.

O ser justo, & o ser morto são termos quasi identicos. *Ibid.* & n. 330. p. 377.

Porém nunca mais vivos, do que quando assim mortos. n. 330. p. 378.

Quem considera que hum justo melhora de vida na morte, não sente tanto a

supra

morte do justo. n. 331. pag. 379.

A quem vive bem, em nenhum tempo lhe he intempestiva a morte. n. 338. p. 388.

Para a morte daquelles Reys, para que Deos concorre cõ providencia particular, o anno de trinta, & tres, he o anno mais clymaterico. n. 334. p. 383.

Os Egypcios, para descrever o genero mais miseravel da morte, pintavaõ hũa Aguia perecendo na velhice. n. 339. p. 389.

Movimento.
Anda a vida em hum movimento continuo. n. 80. p. 76.

Antes he hum cõtinuo movimento, & hũa mudança continua. n. 143. p. 142.

Mundo, Mundanos.
O mundo he casa de Oleiro. n. 47. p. 56.

E casa de locuos. n. 60. p. 63.

Tudo nelle são enigmas. n. 62. p. 65.

Os luzimentos do mundo se para os olhos da terra são

faõ capazes de exhalar fumos, como tem o principio no pò, & a origem na cinza, causa estranheza ao Ceo ainda o mais tenue fumo em todo esse luzimento. n. 75. p. 71.

O múdo em que vivemos, he hum horrivel deserto porque passamos. n. 81. p. 78.

O mundo he hospital de enfermos, & engeitados. n. 86. p. 81.

Todos nelle faõ enfermos. n. 124. p. 119.

Os enfermos do mundo faõ pobres, que dependem da assistencia da misericordia. n. 86. p. 83.

He o mundo, hum lugar de dor, & pranto. n. 93. p. 87.

Tudo nelle he chorar, porque tudo nelle he morrer. *Ibid.*

He casa de luto, em que ha hús mortos que se lamentaõ, & outros que lamentaõ aos mortos. *Ibid.*

Todos nelle andaõ mortos, ainda que no andar pareçaõ vivos. n. 93. p. 88.

Por qualquer caminho do mundo se achaõ Cruzes.

n. 105. p. 100.

He o mundo mar. n. 117. p. 112.

Tem muitas noites, antes he todo noite. n. 121. p. 115.

Todas as suas cousas faõ nada. n. 122. p. 116.

Todos no mundo vivem queixosos, porque todos vivem descontentes da sua forte. n. 137. p. 134.

No mundo não só se queixaõ huns dos outros, senão da sua vida, & dos seus estados. n. 138. p. 136.

Todos em elle se queixaõ do que se não deviaõ queixar; & do que se deviaõ queixar, nenhum se queixa. *Ibid.*

O mundo he universidade. n. 139. p. 136. & n. 187. p. 207.

E escola da vaidade. *Ibid.*

As cadeiras da universidade do mundo, em que deviaõ ler-se sómente sciencias, faõ suggestos de ignorancias. *Ibid.*

Saõ os mundanos abominaveis nos seus estudos, porque

porque todos são peffimos. *Ibid.*
 Toda a grandeza do mundo he sonhada, & obra da fantasia. n. 147. p. 147.
 A vida he hũa passagem deste para o outro mundo. n. 157. p. 159.
 Em todas as cousas do mundo ha sua particular vaidade. n. 163. p. 165.
 Tudo quanto ha em o mundo, he hũa zombaria. n. 168. p. 168.
 As mesmas letras de que se compoem, daõ a conhecer o que o mundo he. n. 174. p. 185.
 O mundo he mundo no nome, & immundo na realidade. n. 175. p. 186.
 Descreve-se o que he o mundo. *Ibid.* & n. 176. p. 187.
 Os bens do mundo são males. n. 176. p. 188.
 O mundo he máo. n. 177. p. 189.
 Mente a todos, & mente em tudo. n. 177. p. 190.
 Andaõ nelle as cousas ás aveffas, & elle he aveffo em as suas cousas. n. 178. p. 192.

He muito miseravel, não só pelas miserias, que em si tem, senão pela miseria com que dá. n. 179. p. 193.
 Tira-nos com hũa mão, o que nos dá com outra. n. 179. p. 194.
 Dá-nos menos, & tira-nos mais. *Ibid.*
 Tudo o que tem he nada; tudo para si, & nada para nós. *Ibid.*
 He vaõ. n. 180. p. 196.
 Costuma convidar aos seus hospedes da mesma sorte, que Heliogabalo hospedava aos seus convidados. *Ibid.*
 He muito mais arriscado, quando se representa brãdo, que quando se experimenta molesto. n. 181. p. 200.
 He aereo, porque não he mais que ar, & vento, tudo o que nelle ha. n. 182. p. 200.
 He transitorio, porque passa com os seus bens. n. 183. p. 201.
 He templo. n. 185. p. 202.
 No templo do mundo achaõ-se

chaõ-se abominações maiores, que as que o Anjo mostrou a Ezechiel em outro templo. n. 185. pag. 204.

O mundo he Corte. n. 186. p. 204.

Na uniuersidade do mundo todos estudaõ pela avariza. n. 187. p. 207.

He feira. n. 188. p. 208.

Na feira do mundo tudo se vende. *Ibid.*

He mar. n. 189. p. 209.

Não ha que fazer segurança nos bens do mundo. n. 190. p. 212.

Nobreza do mundo o que he. n. 191. p. 203.

Valimento do mundo o q he. n. 193. p. 216.

O que saõ as dignidades do mundo. n. 194. p. 217.

O que saõ as riquezas, & a opulencia do mundo. n. 196. p. 220.

A opulencia mayor do mundo, toda se vem a reduzir a hum pequeno de barro. n. 196. p. 221.

No mundo, nem tudo o q luz he ouro. n. 197. p. 221.

O que he a fabledoria do mundo. n. 198. p. 223.

O que he a fortaleza do mundo. n. 199. p. 224.

O que he a amizade do mundo. n. 202. p. 227.

Como o mundo he tam máo, & a nossa Rainha era tam boa, apressou-se Deos a livrala da malignidade do mundo. n. 204. p. 229.

Portugal he a cabeça do mundo. n. 265. p. 285.

Mulheres.

Atè as mulheres Portuguezas foraõ, & saõ extremosamente sabias. n. 281. p. 309.

Murmurar.

Os homens fazem vida do murmurar. n. 170. p. 170.

Musica.

A vida he musica, na qual os canticos alegres remataõ em lamentações funebres. n. 113. p. 106.

Nada.

N

Nada.

A Vida he nada. n. 122. p. 115.

O mundo tudo o que tem he nada; tudo para si, & nada para nòs. n. 179. pag. 194.

Náo.

A vida he Náo. n. 117. p. 112.

Nascimento, Nascer.

As lagrimas do nascimento são prelude das da morte. n. 24. p. 36.

Não tem a morte *porque* mais certo, que a vida, & o nascimento. n. 25. p. 37.

O mesmo he nascer, que morrer. *Ibid.*

Anda a morte tam prevenida para o nosso estrago, que ainda se anticipa ao nosso nascimento. n. 26. p. 38.

O homem nasce para trabalhos, & cruces. n. 58. p. 62.

Facilmête se esquece o homem do seu nascimento. n. 62. p. 66.

Não ha para a vida do homem mais que dous tempos; hum o de nascer, & outro o de morrer. n. 94. p. 89.

Desde que hum homem nasce, morre. n. 98. p. 94.

Mais para lamentado he o nascimento, que a morte. n. 106. p. 101.

Em lagrimas se nasce, em lagrimas se vive, & em lagrimas se morre. n. 107. p. 102.

Desde o nascimento até a morte, tudo são molestias. n. 115. p. 110.

Foi estratagemas da natureza nascerem os homens sem o lume da razão. num. 116. p. 111.

Natureza.

Morrer he pagar á natureza o que se lhe deve. n. 136. p. 133.

A morte he hũa quitação geral, pela qual consta, que se tem pago á natureza a sua divida. n. 136. pag. 134.

Neve.

A vida he neve. n. 118. p. 113.

Nevoa.
A vida he nevoa. n. 119. pag.
114.

Nobreza, Nobre.
A nobreza do mundo o q̄
he. n. 191. p. 213.

A verdadeira nobreza con-
siste em a virtude. *Ibid.*

Não ha nobreza, que possa
ter segurança na sua sobe-
rania. n. 192. p. 216.

He questaõ controvertida,
se a nobreza hereditaria
he gloria para estimada. n.
208. p. 233.

Os Estoicos só na sabedo-
ria, ou na virtude colloca-
vaõ a nobreza. *Ibid.*

A nobreza dos passados
sempre he apreciavel nos
presentes. n. 209. p. 234.

O que ha que apetecer na
nobreza, he o excitarem
os exemplos dos antepas-
sados bons, para que não
degenerem os presentes
sendo máos. n. 210. p. 235.

Mais honrosa couza he fa-
zer-se nobre pela virtu-
de, que nascer nobre pela
origem. n. 211. p. 236.

Mayor nobreza he a acqui-

rida, que a herdada. *Ibid.*
Plataõ distinguio tres ge-
neros de nobreza na sua
ideada Republica. n. 213.

p. 239.
Não está a nobreza tanto
no de quem se procede,
quanto no como se pro-
cede; não tanto na proces-
saõ, quanto no procedi-
mento. *Ibid.*

Nocivo.
O pomo da vida he nocivo
á alma, se fermoso á vista.
n. 131. p. 126.

Noite.
A vida he noite em q̄ dor-
mem os máos, & em que
vigiaõ os bons. n. 121. pag.
115.

O mundo tem muitas noi-
tes; antes he todo noite o
mundo. *Ibid.*

Nome.
O nome de *Pedro* tem di-
versas significações. num.
116. p. 243.

Segundo, he nome de nobre-
za. n. 217. p. 245.

Numero.
O numero *septenario* signifi-
ca inteireza, & perfeiçaõ.
num.

num. 257. pag. 274.

O numero *senario* he perfeito. n. 258. p. 275.

O numero de *doze* não só he perfeito, & abundante, senão de universalidade. n. 349. p. 398.

Nuvem.
A vida he nuvem. n. 120. p. 114.

Consumo-se passando como a nuvem, que passa consumindo-se. n. 120. p. 115.

O
Obras.

As obras dos justos são segurança da vida. n. 18. p. 25.

Odio.
Os que amão como devem a Deos, tem odio aos peccados. n. 297. p. 334.

Oleiro.
O mundo he casa de Oleiro. n. 47. p. 58.

Olhos.
Os olhos não só são janelas para ver os objectos, senão canaes, para correrem os prantos. n. 12. p. 15.

Não só são canos dos amores, senão fontes das lagrimas. *Ibid.*

Em hum abrir, & fechar de olhos apparece, & desaparece a vida. n. 112. p. 106.

O peccador dá nos olhos a Deos como pô, que Deos quer que elle traga nos seus olhos. n. 133. p. 129.

Opulencia.
O que he a opulencia, & as riquezas do mundo. num. 196. p. 220.

A opulencia mayor do mundo toda se vem a reduzir a hum pequeno de barro. n. 196. p. 221.

Orgão.
A vida he Orgão. n. 126. p. 129.

Oriente.
A vida he Oriente conjuncto ao Occaso. n. 123. pag. 118.

Origem.
A vida he a origem de todas as enfermidades. n. 124. p. 119.

Orvalho.
A vida he orvalho, que cahindo pela manhã não

dura até a tarde. n. 125. p.

120.

Ouro.

No mundo nem tudo o q

luz he ouro. n. 197. p. 221.

O ouro, quanto mais esti-

mação d'elle se faz, tanto

menos he. n. 197. p. 222.

Outono.

A vida he Outono, cujos

fructos. são sempre fóra

de tempo. n. 124. p. 119.

E pelo doentio. *Ibid.*

P

Paciencia.

OS viventes são força-

dos de galè, que de-

vem sempre andar arma-

dos de paciencia. n. 77. pag.

75.

Pacifico.

O Rey deve ser pacifico. n.

234. p. 253.

Pays.

A primeira felicidade da

noſſa Rainha foi ser filha

riarem-se os filhos nos

pays. n. 212. p. 237.

Não ha couſa tam estima-

vel para os pays, como o

ter filhos. n. 249. p. 264.

No modo que póde ser,

mais parece estima Deos o

fer Pay, do que o fer Deos.

n. 250. p. 265.

A mayor miseria dos pays

he o morrer sem filhos. n.

252. p. 268.

A boa criação dos filhos

he a que mais importa aos

pays. n. 260. p. 276.

Os pays que criação bem aos

filhos, são duas vezes

pays. *Ibid.*

Parco.

O Rey deve ser parco. num.

242. p. 255.

Parecer.

A vida parece q he, & não

he, porque não he o que

parece. n. 148. p. 149.

Passagem.

A vida he hũa mera passagem.

n. 157. p. 159.

Paz.

A paz he o mayor bem. n.

298. p. 337.

Christo em todas as ſuas

acções

acções foi o exemplar da
paz. n. 299. p. 339.

Os justos achão na paz a
ferenidade da alma. *Ibid.*

Não costuma assistir Deos
no lugar, em que não ha
paz. n. 300. p. 340.

A casa que Deos enche de
paz, está habitada, & chea
de gloria. *Ibid.*

A Rainha D. Maria accredi-
tou a magestade em ser
Authora da paz entre os
seus domesticos. n. 299. p.
338.

Peccados, Peccadores.

Os peccados dos vassallos
saõ os que ordinariamen-
te tiraõ as Coroas das ca-
beças aos Reys. n. 18. p. 27.

Os peccadores em tudo tẽ
fogo. n. 79. p. 76.

Não ha zombaria mayor q̃
a vida de hum peccador.
n. 168. p. 169.

Saõ enfermos. n. 86. p. 31.

Os peccadores trabalhaõ,
& não recolhem; os ju-
stos recolhem, mas tra-
balhaõ. n. 104. p. 100.

A vida dos peccadores he
hum nada composto de

muitos nada. n. 122. p. 116.

Os peccadores devendo a-
dorar a Deos verdadeiro,
adoraõ idolos falsos. num.
128. p. 124.

Os justos saõ huns mortos
vivos, os peccadores huns
vivos mortos. n. 132. p. 127.

O peccador dá nos olhos a
Deos com o p̃d, que Deos
quer que elle traga nos
seus olhos. n. 133. p. 129.

O peccador zõba de Deos
em a vida, & Deos zom-
ba d'elle em a morte. num.
168. p. 169.

Saõ muitas as differenças
entre a morte dos justos,
& dos peccadores. n. 205.
p. 231.

Os que amaõ como devem
a Deos, tem odio aos pec-
cados. n. 297. p. 334.

A Rainha D. Maria fazendo
todo o estudo em não ad-
mittir os peccados pro-
prios, punha toda a appli-
cação em evitar os alhe-
yos. n. 297. p. 335.

Os peccadores não sabem
o caminho da paz. n. 199. p.
339.

Pedra.
Atè hũa pedra se desatou
em agua na morte de hũa
Maria.n.12.p.15.

Ainda as mesmas pedras
são capazes de sentimen-
to.n.15.p.21.

Pedro.
He nome de sagacidade, &
discrifaõ.n.216.p.243.

De famofidade, & reputa-
çaõ.*Ibid.*

De proveito, & liberdade.
Ibid.

De sublimidade, & cõtem-
plaçaõ.*Ibid.*

De estabilidade, & dura-
çaõ.*Ibid.*

De authoridade, & jurisdic-
çaõ.*Ibid.*

El Rey D. Pedro II.
Em El Rey D. Pedro II. he
propriissimo o nome de
Pedro.n.216.p.243.

Não lhe diminue a sobera-
nia, ou o defrauda da pree-
minencia o titulo de Se-
gundo.n.217.p.245.

Desempenha inteiramente
todas as propriedades, &
obrigações de Rey.n.243.
p.256.

Hemerecedor dos titulos
gloriosos, que se deraõ a
todos os mais Emperado-
res, & Reys.n.244.p.257.

O Reyno de Portugal he
casa firmemente edifica-
da, porque em El Rey D.
Pedro II. he fundada so-
bre firme pedra. n.258.p.
274.

A Rainha D. Maria Sofia
augmentou a El Rey D.
Pedro a gloria, a vida, & a
Coroa.n.247.p.262.

Salamaõ no Reyno de Is-
rael foi hum symbolo ex-
presso de El Rey D. Pedro
II. no Reyno de Portugal.
n.246.p.260.

Peixes.
São os homens peixes, que
no engodo da vida tragaõ
o anzol da morte.num.65.
p.67.

Pêla.
A vida he pêla animada do
vento, & agitada do ar. n.
129.p.124.

Pena.
Deu Deos a Caim por ma-
yor pena o dilatarlhe a vi-
da.n.116.p.111.

Não

Não ha pena mayor para as mãys, que a dor de não ter filhos. n. 251. p. 266.

O não ter filhos de tal sorte he a mayor pena das mãys, que tambem he a pena mayor dos pays. n. 252. p. 267.

Perda.

A perda de hũa Rainha traz comfigo tam grande pena, que não cabe na esfera do coração para condignamente a sentir, nem em a jurisdicção da penna, para expressamente a relatar. n. 7. p. 9.

Piedosa.

A Rainha deve ser piedosa. n. 10. p. 13.

Pintura.

A vida he pintura, em que a imagem do homem teve a Deos por artifice. n. 128. p. 124.

Placee.

Reynou vinte annos. n. 22. p. 32.

Plataõ.

Distinguo tres generos de nobreza na sua ideada Republica. n. 213. p. 239.

Pò.

A vida he pò. n. 132. p. 126.
Os homens na vida são pò organizado, na morte haõ de ser pò defunido. n. 132. p. 127.

Pobres.

Os enfermos do mundo são pobres. n. 86. p. 83.

A regalia acredita-se em sustentar, & em vestir aos pobres. n. 306. p. 348.

Tanto que a mão se abre para soccorrer aos pobres, multiplicaõ-se as palmas nas mãos. n. 307. p. 349.

O acudir aos pobres ainda com o superfluo, he grande obra de charidade. n. 321. p. 366.

Poetas.

Os Poetas ainda Gentios reconheceraõ a universalidade da morte. num. 29. p. 43.

Pomba.

A Pomba cria os filhos alheyos. n. 311. p. 354.

A Rainha D. Maria foi Aguia, & juntamente Pomba. n. 311. p. 355.

Pomo.

Pomo.

A vida he pomo córado por fóra, & podre por dentro.

n. 131. p. 126.

O pomo da vida não só o colhe a morte depois de maduro, senão antes de cezoado. *Ibid.*

He nocivo á alma, se fermoso á vista. *Ibid.*

Se ao ver-se he engano do gosto, ao gostar-se he defengano no tormento. *Ibid.*

Na apparencia he pomo da vida, na realidade pomo da morte. *Ibid.*

Porta.

A vida he porta, que contém em si todas as castas de portas, que se achão nas Escrituras. n. 130. p. 125.

He porta porque se entra, & de que se sahe em dores. n. 130. p. 126.

A porta da vida, & a porta da morte são tam visinhas, que se equivocão hũa cõ outra. *Ibid.*

Portugal, Portuguezes.

Os Reys de Portugal, & os seus vassallos são taõ obediẽtes á Igreja, que não

ha Nação, que nesta fidelidade compita com a Portugueza. n. 272. p. 297.

Os Reys de Portugal em o Occaso são o retrato do Anjo, que o Euangelista vio em o Oriente com o final de Deos vivo. n. 276. p. 301.

Portugal he a cabeça do mundo. n. 265. p. 285.

Das acções dos Portuguezes só podem ser pregoeiras as quatro partes do mundo. n. 264. p. 283.

Os Portuguezes foraõ os primeiros, que (excepto Judèa, & Samaria) receberãõ a Fè de Christo, & abraçãõ a Religiaõ Christãa. n. 265. p. 285.

Os que deraõ os primeiros Santos, que se sabe houvessem nas Nações da Gentilidade por todo o universo. *Ibid.*

Os primeiros Christãos, q̃ no mundo tiverãõ Igreja levãtada á honra de Deos. *Ibid.*

Os primeiros, que pela parte, que por sorte lhes coube,

coube, lançáraõ fóra da Europa os Mouros. *Ibid.*
 Os primeiros, que tiveraõ Vniversidade em Espanha. n.265.p.286.
 Os primeiros, que desco-bríraõ a Zona torrida, & os Antipodas. *Ibid.*
 Os primeiros, que desco-bríraõ a America. *Ibid.*
 Os primeiros, que acháraõ, & fizeraõ o astrolabio. *Ibidem.*
 Os compositores dos primeiros versos, que se fizeraõ em o mundo. *Ibid.*
 Os primeiros, que em Espanha inventáraõ armas de ferro. *Ibid.*
 Os primeiros, que acháraõ a invençaõ de colher o mel. *Ibid.*
 Os primeiros, que escrevèraõ em Espanha livros de Cavallarias. n.265.p.287.
 Varias excellências dos Portuguezes. n.266.p.287.
 A primeira, & principal excellencia, em que sobre-fahem os Portuguezes, he a Religiaõ. n.267.p.288.
 São os que entre todos os

habitadores de Europa se podem por antonomasia chamar os *Christãos*. *Ibid.*
 Entre todos os demais se podem acclamar unicos. *Ibid.*
 Entre todos fazem classe especial de per si. n.267.p.289.
 Em algũ sentido se podem absolutamente dizer os primeiros *Christãos*. num. 267.p.290.
 Foraõ sempre grandes defensores da Igreja, & acerrimos perseguidores dos inimigos de Deos. n.268.p.292.
 Vingáraõ a morte do Baptista. *Ibid.*
 O Rey dos Abexins deu ao Rey de Portugal o titulo de *Destruidor dos Mouros, & fortes Pagãos*. *Ibid.*
 De Portugal tem sahido muitos Fundadores de diversas Religiões, & diferentes Ordens. n.269.p.292.
 Portugal tem dado muitos Santos ao Ceo. n.270.pag. 294.

Os Portuguezes não tem Nação que os iguale na gloria de se lhes poder dar o titulo de Coadjuutores dos Apostolos. n. 272. pag. 297.

Por meyo dos Portuguezes se fez louvavel o nome de Christo desde o Oriente ao Occaso. n. 274. p. 299.

São os primeiros, que todos os dias louvaõ ao nome de Deos. n. 274. p. 300.

Observaõ grande conformidade com as ceremonias da Igreja. n. 275. p. 300.

São amantes da fabedoria. n. 278. p. 305.

Atè as mulheres Portuguezas foraõ, & são extremamente sabias. n. 281. pag. 309.

A fortaleza dos Portuguezes he taõ applaudida dos naturaes, como celebrada dos estranhos. n. 284. p. 314.

O Reyno de Portugal he por todas as razões figurado em a Aguia. n. 286. p. 318. & n. 287. p. 320.

Pranto.

A vida he hum continuo pranto. n. 107. p. 102.

No mundo tudo he pranto, porque tudo he dor, & morte. n. 93. p. 87.

Preposiçaõ.

A dignidade he preposiçaõ, a que se seguem todos os casos. n. 194. p. 213.

Primavera.

A vida he primavera a que se segue o estio. n. 127. pag. 122.

Em que apenas apparecem as flores, quando as cortaõ as penas. *Ibid.*

O estio da morte muitas vezes se anticipa á primavera da vida. *Ibid.*

Principes.

Os Principes são nada. n. 122. p. 116.

Privado.

Privado he synonimo de valído. n. 193. p. 217.

Privilegio.

Não ha privilegio, que exima da ley da morte. n. 150. p. 151.

Prizões.

A alma he ave, que se acha enla-

enlaçada entre as prizões da vida. n. 101. p. 97.

Procedimento, Proceffaõ.

Não está tanto a nobreza no de quem se procede, quanto no como se procede; não tanto na proceffaõ, quanto no procedimento. n. 213. p. 239.

A Rainha D. Maria Sofia não punha tanto a sua felicidade no excelfo de seu ditoso desposorio, quanto no sublime de seu preclaro procedimento. n. 245. p. 258.

Prociffaõ.

A vida he prociffaõ, que sempre passa, & nunca pára. n. 134. p. 129.

Promeffa.

Não faz o mundo promeffa, que não seja hũa mentira. n. 177. p. 190.

Q

Queda, Cabir.

A Vida he queda. n. 135. p. 132.

Todos em a vida cahem, & tudo he cahir na vida. *Ibid.*

Na vida, quanto mais se caher, mais se descahe. *Ibid.*

Queixa, Queixofos.

A vida he hũa queixa continua. n. 137. p. 134.

Todos no mundo vivem queixofos, porque todos vivem descontentes da sua forte. *Ibid.*

No mundo não só se queixaõ huns dos outros, senão da sua vida, & dos seus estados. n. 138. p. 136.

Todos no mundo se queixaõ do que senão deviaõ queixar; & do que se deviaõ queixar, nenhum se queixa. *Ibid.*

Questão.

A vida he hũa questão composta de muitas questões. n. 139. p. 137.

A morte he o fim de todas as questões. n. 139. p. 137.

He questão controvertida, se a nobreza hereditaria he gloria para estimada. n. 208. p. 233.

Quitação.

A vida he quitação, por donde consta o que cada hum paga. n. 136. p. 133.

Vv ij . A

A morte he hũa quitação geral, pela qual consta, q se tem pago o que se devia á natureza. n. 136. p. 134.

R

Racional, Razaõ.

O Racional despenha-se no sensitivo. n. 12. p. 15.

Foi estratagemma da natureza, que nascessem os homens sem o lume da razaõ. n. 116. p. 111.

Rainha.
As mortes das Rainhas mais faõ para se suppor, q para se expor. n. 7. p. 9.

Muito mais para sentir he a morte de hũa grande Rainha, que a de hum grande Rey. n. 8. p. 10.

A Rainha deve ser decente, & especiosa; agradavel, & amorosa; clemente, & piedosa; timorata, & temerosa; Religiosa no culto; imperiosa no estado; liberal para os pobres; rigorosa para os máos; & gloriosa em o throno. n. 10. p. 13.

Na morte de hũa cabal Rainha, não se devem ouvir mais que suspiros, gemidos, & lutos. n. 11. p. 15.

Como o múdo he taõ máo, & a nossa Rainha era tamboa, apressou-se Deos a livrala da malignidade do mundo. n. 204. p. 229.

Vide verbo a *Rainha Dona Maria.*

Rayo.
A vida he rayo, em que não ha luz sem trovaõ, nem relampago sem estrondo. n. 141. p. 141.

Regalia.
A regalia não se descompoem com as lagrimas. n. 1. p. 2.

Acredita-se em exercitar hũ Rey as obras de charidade pelas suas proprias mãos. n. 304. & 305. p. 347.

Rey.
A lisonja he mal perpetuo dos Reys. n. 14. p. 18.
A prosperidade dos Reys he como a vida do Sol. n. 15. p. 20.

Na morte dos Reys atè o insensivel sente. n. 15. p. 21.

Os

Os peccados dos vassallos
tiraõ ordinariamête as Co-
roas da cabeça aos Reys.
n. 18. p. 27.

He muito sensível aos Reys
o morrer na flor da idade.
n. 20. p. 29.

O meyo indubitavel para
os Reys occuparem por
longo tempo o Reyno, he
o andarem pelo caminho
direito. n. 22. p. 32.

Os Reys faõ nada. n. 122. p.
116.

Nenhũa outra cousa he hũ
Rey a respeito dos vassal-
los, mais que hum servo
em throno. n. 195. p. 219.

O Rey para ser perfeito,
hade ser misericordioso,
& justo. n. 218. p. 247.

Para ser o que deve, deve
ser nas operações Homẽ,
Leaõ, Boy, & Aguia. n.
219. p. 248.

O Rey deve ser intrepido.
n. 221. p. 150.

Deve ser forte. n. 222. p. 250.

Acautelado. n. 223. p. 251.

Clemente. n. 224. p. 251.

Justo. n. 225. p. 251.

Diligente. n. 226. p. 251.

Humilde. n. 227. p. 251.

Astuto. n. 228. p. 252.

Estavel. n. 229. p. 252.

Authentico. n. 230. p. 252.

Liberal. n. 231. p. 253.

Sabio. n. 232. p. 253.

Innocente. n. 233. p. 253.

Pacifico. n. 234. p. 253.

Honesto. n. 235. p. 254.

Flevel. n. 236. p. 254.

Devoto. n. 237. p. 254.

Tranquillo. n. 238. p. 254.

Severo. n. 239. p. 254.

Modesto. n. 240. p. 255.

Facil. n. 241. p. 255.

Parco. n. 242. p. 255.

Os Reys de Portugal, & os
seus vassallos, saõ taõ obe-
dientes á Igreja, que não
ha Naçaõ, que nesta fide-
lidade compita com a Por-
tuguezza. n. 272. p. 297.

Saõ em o Occaso o retrato
daquelle Anjo, que o Eu-
angelista vio em o Orien-
te com o final de Deos vi-
vo. n. 276. p. 301.

A vida dos Reys não tem
mais que hum dia de pra-
zo. n. 345. p. 394.

Saõ os Reys homens, não
só mortaes, mas moribun-
dos;

dos ; mortaes por homês,
& moribundos por Reys.
n.346.p.395.

Rey, & vivo, parece não
póde ser. n.348.p.396.

Para a morte daquelles
Reys, para que Deos con-
corre com providencia
particular, o anno de trin-
ta, & tres, he o anno mais
clymaterico. n.334.p.383.

O mesmo he dar-se aos
Reys a Coroa para a glo-
ria, que tirarfelhes com a
mayor pena. n.347.p.396.

Vide verbo *El Rey D. Pedro
II.*

Reformar.
Os bons reformaõ-se, & os
máos deformaõ-se. n. 155.
p. 156.

Religiaõ.
Que cousa seja. n.324.p.369.
A primeira, & principal ex-
cellencia dos Portugue-
zes he a Religiaõ. n.267.p.
288.

S. Joaõ da Matha, segundo
a melhor opiniaõ, Portu-
guez, foi Fundador da pre-
clarissima Religiaõ da Sã-
tissima Trindade em Fran-

ça. num.269.p.292.

O Beato Amadeo, da dos
Amadeos em Italia. *Ibid.*

S. Joaõ de Deos da dos En-
fermeiros em Espanha.
Ibid.

D. Beatriz da Sylva, da da
Conceiçaõ em Castella.
n.269.p.293.

S. Damaso da Ordem de S.
Lazaro em Italia. *Ibid.*

El Rey D. Affonso Henri-
ques da Ordem de Aviz,
& da de S. Miguel, ou da
Ala. *Ibid.*

El Rey D. Diniz, da de Chri-
sto. *Ibid.*

O Veneravel Mestre Joaõ,
D. Affonso Nogueira, &
Martim Lourenço, da Ce-
lestial Congregaçaõ de S.
Joaõ Euangelista. *Ibid.*

A observantissima Religiaõ
de S. Paulo primeiro Ermi-
taõ teve o seu principio
em Portugal. *Ibid.*

Não ha fabledoria sem Re-
ligiaõ, nem Religiaõ sem
fabledoria. n.277.p.304.

Relogio.

A vida he relógio de todas
as castas; de pezos, de a-
rea,

rea, & de Sol.n.142.p.141.

Remedio.

São diversos os remedios, que Christo applicou como Medico ás nossas enfermidades. n.86.p.81.

Reprehender.

Reprehender aos filhos, he amalos. n.261.p.278.

Republica.

Plataõ distinguio tres generos de nobreza na sua ideada Republica. n.213.p.239.

Resolução.

A morte he resolução. n.158.p.162.

Rio.

A vida he rio arrebatado pagando ao mar da morte o seu devido tributo. num.140.p.139.

Riquezas.

Que cousa sejaõ as do mundo. n.196.p.220.

São nada. n.122.p.116.

Quanto mais se estimaõ, menos saõ. n.197.p.222.

Risivel.

Tanto he propriedade do homem o risivel, como o flevel. n.12.p.15.

Roda.

A vida he roda por muitas razões. n.143.p.142.

Rostro.

O rosto inflâmado, he indicio manifesto de estar o coração ardentemente incendiado. n.291.p.326.

Rosa.

He a vida tam fragil como a rosa. n.144.p.143.

Rozendo.

S. Rozendo Portuguez, foi o primeiro dos Confessores, que canonizou a Igreja com as diligencias, que agora costuma practicar com os mais. n.271.p.296.

S

Sabedoria, Sabio.

Sabedoria do mundo o que he. n.198.p.223.

O Rey deve ser sabio. num.232.p.253.

Nem ha sabedoria sem Religiaõ, nem Religiaõ sem sabedoria. n.277.p.304.

A sabedoria precede á fortaleza. *Ibid.*

A fortaleza não he sabedoria,

ria, mas a fabedoria he fortaleza. *Ibid.*

Os Portuguezes são amantes da fabedoria. n. 278. p. 305.

Atè as mulheres Portuguezas foraõ, & são extremamente fabias. n. 281. pag. 309.

Hum fabio he Cidadão de toda a parte, & em nenhũ lugar se julga forasteiro. n. 283. p. 312.

Na fabedoria se afiança a primazia. n. 383. p. 312.

Entre a grandeza, & a fabedoria ha grande identidade. *Ibid.*

Salamaõ.

Reynou quarenta annos. n. 22. p. 32.

No Reyno de Israel foi o mais expresso fymbolo de El Rey D. Pedro II. no Reyno de Portugal. num. 246. p. 260.

Sangue.

O sangue Bragantino he por muitos titulos Regio. n. 217. p. 246.

Saul.

Chorou ouvindo a voz de

David. num. 1. pag. 2.

Sciencia.

As cadeiras da universidade do mundo, em que deviaõ ler-se sómente sciencias, são suggestos de ignorancias. n. 139. p. 137.

Segar.

Para as flores da vida já he tempo de segar o tempo de apparecer. n. 95. p. 91.

Segundo.

Segundo, he nome de autho-ridade, & nobreza. n. 217. p. 245.

Senario.

O numero senario he perfeito. n. 258. p. 275.

Sentir, Sentimento, Sensitivo.

Mais he necessario para sentir, que para amar. n. 8. p. 4.

No sensitivo desempenha o homem o racional. n. 12. p. 15.

Os viventes de tal forte estaõ com os sentidos ligados, como senão tiveraõ sentidos. n. 145. p. 145.

Não deve ser tam sensivel a morte da nossa Rainha, por parecer que era preciso o fatal golpe da sua morte

morte aos trinta , & tres
annos de sua idade. n. 334.

p. 382.

Septenario.

O numero septenario signi-
fica inteireza , & perfei-
çaõ. n. 257. p. 274.

Sepulchro.

O sepulchro da Rainha D.
Maria he o mais glorioso.
n. 366. p. 415.

Ser.

O verbo *Sum es fui*, não tem
em ordem á vida os tem-
pos , que em ordem ao
mais. n. 83. p. 80.

Os dias da vida passaõ com
tanta corrupçaõ, que ain-
da bem não saõ , quando
ainda mal já foraõ. n. 83. p.
80.

Em ordem á morte cada hũ
he o que ha de ser. n. 94. &
95. p. 90.

Em quanto vivemos não
nos parece ser o que so-
mos. n. 118. p. 114.

Os homens saõ pò , não só
pelo que foraõ , & haõ de
ser , senão pelo que estaõ
sendo. n. 132. p. 127.

As figuras da vida não saõ o

que parecem , nem pare-
cem o que saõ. n. 134. pag.
129.

A vida parece que he , &
não he , porque não he o
que parece. n. 148. p. 149.

He hũa mera passagem tu-
do quanto na vida ha , &
tudo quanto a vida he. n.
157. p. 159.

O ouro, & as riquezas, quã-
to mais se estimaõ, menos
saõ. n. 197. p. 222.

Servos de Deos.

Os que saõ servos de Deos,
não fundaõ a soberania
no ornato das Coroas , fe-
nãõ no desprezo dellas; &
só as seguraõ na cabeça ,
quando as lançaõ aos pès.
n. 319. p. 363.

Tem as Coroas nas Coroas
que não tem. *Ibid.*

Setta.

A vida he setta, que voa fe-
rindo , não deixando algũ
vestigio em o ar por don-
de passa. n. 145. p. 145.

Severo.

O Rey deve ser severo. n.
239. p. 254.

Signos.

Na vida ha signos, como no
Zodiaco. n. 171. p. 171.

Simaõ.

Fr. Simaõ Coelho Portu-
guez, foi Religioso da
Ordem de nossa Senhora
do Carmo. n. 280. p. 309.

Sizinando.

S. Sizinando foi natural da
Cidade de Beja, & illustra
com as suas reliquias a de
Cordova. n. 271. p. 295.

Syllogismo.

A vida he syllogismo, que
conclue em todas as figu-
ras, porque a todas con-
clue. n. 149. p. 149.

Soberania.

Não ha nobreza, que pos-
sa ter segurança na sua so-
berania. n. 192. p. 216.

Sol.

O Sol morre no mesmo dia
em que nasce. n. 15. p. 19.
A vida do homem he mais
breve que a do Sol. n. 123.
p. 118.

Solfa.

A vida he solfa, porque o
mais do que ha na solfa, se
acha tambem na vida. n.
151. p. 151.

Sonho.

A vida he sonho de gente
disperta. n. 147. p. 147.

Aos muitos cuidados se-
guem-se sonhos. *Ibid.*

Aos viventes, hum sonho
os engana, & outro sonho
os desengana, de que to-
da a vida he sonho. *Ibid.*

Toda a grandeza da vida
he sonhada, & obra da
fantasia. n. 147. p. 147.

A vida he sombra, & sonho
de sombra. n. 148. p. 149.

Sono.

A vida he sono, porque o
viver he dormir. n. 145. p.
145.

O sono da vida he sonho
inquietao, o da morte des-
cançado. *Ibid.*

He o sono espelho, paren-
te, & irmaõ da morte. n.
24. p. 36.

Os cuidados tiraõ o sono.
n. 146. p. 146.

Sorte.

Ninguem no mundo vive
contente com a sua sorte.
n. 137. p. 134.

Summario.

A vida he summario, em q
cada

cada hum fahe condem-
nado a morte natural. n.

150. p. 150.

Suspiro.
A vida, mais que vento, he
suspiro. n. 161. p. 163.

T

Tarde.

HE a tarde symbolo da
morte. n. 15. p. 20.

Na vida não he á tarde o q
he de manhã. n. 125. p. 120.

Para a morte da Rainha D.

Maria foi hora muito pro-
porcionada o fim da tar-
de. n. 363. p. 412.

Tea.

A vida he tea, de que he te-
cedor o tempo. n. 156. pag.

158.

A muitos se corta a tea da
vida ainda em a urdidura.

Ibid.

Timorata, Temor.

A Rainha deve ser timora-
ta, & temerosa. n. 10. p. 13.

Para com Deos o temor he
prova grande do amor. n.

293. p. 329.

O bom da vida, se so ver-

bid.

Templo.

O mundo he templo. n. 185.
p. 202.

No templo do mundo a-
chaõ-se mayores abomi-
nações, que as que mo-
strou o Anjo a Ezechiel
em outro templo. n. 185. p.
204.

Tempo.

Todo o tempo da vida se
reduz a hum só instante.
n. 82. p. 78.

Não ha para a vida do ho-
mem mais que dous tem-
pos; hum o de nascer, &
outro o de morrer. n. 94.
p. 89.

Para as flores da vida o tem-
po de apparecer, he já tẽ-
po de segar. n. 95. p. 91.

O tempo corre arreбата-
do. n. 140. p. 139.

He o tempo traça, que cor-
rompe a vida, não haven-
do traça, que preserue a
vida da corrupçaõ do tẽ-
po. n. 159. p. 162.

A brevidade do tempo he
remedio para os males da
vida. n. 173. p. 184.

A vida toda he trabalho.

Ter.

O mundo, tudo o que tem
he nada, tudo para si, &
nada para nòs. n. 179. pag.
194.

Terra.

São os homens na terra, co-
mo as Estrellas no Ceo. n.
29. p. 42.

A terra he lugar de peregri-
nação. n. 85. p. 80.

Theatro.

A vida he theatro tam pro-
fano, que muitas vezes o
peior faz nelle o melhor
papel. n. 152. p. 153.

Throno.

Toda a gloria do throno
por remate, & por ultimo
vem a terminar-se em lo-
do, & a concluir-se em
barro. n. 195. p. 219.

Tirar.

O mudo com hũa mão nos
dá, & com outra nos tira.
n. 179. p. 194.

Dá-nos o mais, & tira-nos
o menos. *Ibid.*

Trabalho, Trabalhar.

O homem nasce para o tra-
balho. n. 58. p. 62.

A vida toda he trabalho. n.

103. p. 98. & n. 104. p. 99. &
n. 105. p. 100. & n. 106. p. 101.

Os peccadores trabalhaõ,
& não recolhem; os ju-
stos recolhem, mas tra-
balhaõ. n. 104. p. 100.

Entre vida, & trabalhos
não ha differença. n. 105. p.
101.

Tragedia.

A vida he tragedia, em que
o ultimo acto he a morte.
n. 153. p. 154.

Tranquillo.

O Rey deve ser tranquillo.
n. 238. p. 254.

Transformação, Transformar.

A vida he transformação,
em q se transformaõ hũas
em outras as idades dos
viventes, & os viventes
com as idades. n. 154. pag.
155.

Os viventes transformaõ-
se em fórmãs más, deven-
do transformar-se em fór-
mas boas. n. 154. p. 156.

Tormento.

Hũa vida extensa, he hum
tormento dilatado. n. 58.
p. 61.

O pomo da vida, se ao ver-
se

se he engano do gosto, ao
gostar-se he desengano no
tormento. n. 131. p. 126.

Tracios.

Os Tracios agazalhavaõ
hũa creatura em o nasci-
mento. com lagrimas, &
em a morte a despediaõ
com festas. n. 106. p. 101.

Tremor.

Toda a duraçaõ da vida he
composta de tremores. n.
115. p. 110.

Tumba.

O berço, em que hũa crea-
tura se emballa, para lhe
acalantar o pranto, & in-
troduzir o sono, he fatidi-
co emblema da tumba, em
que se conduz para o se-
pulchro. n. 24. p. 36.

V

Vaidade, Vaõ.

TVdo no mûdo he vai-
dade. n. 163. p. 165.

O vivente não só he á vai-
dade semelhante, senão
toda a vaidade. *Ibid.*

Em cada hũa das cousas do
mundo, ha sua particular
vaidade. *Ibid.*

O mundo he vaõ. n. 180. p.
196.

Valimento, Valido.

O valimento do mundo o
que he. n. 193. p. 216.

Privado he synonimo de
valido. *Ibid.*

Vassallos.

Os peccados dos vassallos
tiraõ ordinariamente as
Coroas aos Reys. n. 18. p.
27.

Versos.

Os Portuguezes foraõ os
compositores dos primei-
ros versos que se fizeraõ
em o mundo. n. 265. p. 286.

Vestido.

O vestido da vida corrom-
pe-se com a traça do tem-
po, não havendo traça que
o preserve da corrupçaõ.
n. 159. p. 162.

He o vestido hum acciden-
te, que constitue o predi-
camento do habito; & a
vida, ainda a de mayor
predicamento, he hum ha-
bito, que por accidente
dura, & por accidente a-
caba. n. 159. p. 162.

Chegar a tirar de si para
outrem

outrem o vestido proprio,
he hum acto tam heroico,
que parece que não basta
para elle hum só espirito.

n. 309. p. 351.
Só o poderá obrar hum ho-
mem do outro mundo. n.
309. p. 352.

He o mayor acto de amor.

Ibid.

Vida.

As mesmas letras, de que a
vida se compoem, incul-
caõ o que ella he. n. 352. p.

52.
Todas as letras do Alfabe-
to intimaõ o que he a vi-
da. *Ibid.*

He abyfmo. n. 36. p. 52.

Atomo. n. 37. p. 53.

Agua. n. 38. p. 53.

Ave. n. 39. p. 53.

Arvore. n. 40. p. 53.

Aurora. n. 41. p. 53.

Bayle. n. 42. p. 54.

Banquete. n. 43. p. 55.

Bainha. n. 44. p. 55.

Balança. n. 45. p. 55.

Barranco. n. 46. p. 55.

Barro. n. 47. p. 56.

Carcere. n. 48. p. 57.

Censura. n. 50. p. 57.

Cithara. n. 49. p. 57.

Cana. n. 51. p. 58.

Casa. n. 52. p. 58.

Carreira. n. 53. p. 58. & num.

165. p. 167.

Carga. n. 54. p. 59.

Desterro. n. 55. p. 60.

Deposito. n. 56. p. 60.

Desacordo. n. 57. p. 61.

Dor. n. 58. p. 61.

Demarcação. n. 59. p. 62.

Delirio. n. 60. p. 63.

Desafio. n. 61. p. 63.

Espelho. n. 62. p. 64.

Espinho. n. 63. p. 66.

Emprestimo. n. 64. p. 66.

Engodo. n. 65. p. 67.

Erva. n. 164. p. 166.

Estio. n. 66. p. 67.

Estopa. n. 67. p. 67.

Estrella. n. 68. p. 67.

Fabula. n. 69. p. 68.

Faisca. n. 70. p. 69.

Fogida. n. 165. p. 167.

Flor. n. 71. p. 69.

Folha. n. 72. p. 70.

Feno. n. 73. p. 70.

Fio. n. 74. p. 70.

Fumo. n. 75. p. 71.

Fantasma. n. 76. p. 72.

Galè. n. 77. p. 73.

Guerra. n. 78. p. 74.

Ibid. Giran-

- Girandola.n.79.p.75.
Grimpa.n.80.p.76.
Horror.n.81.p.77.
Hora.n.82.p.78.
Historia.n.83.p.79.
Holocausto.n.88.p.80.
Hospedajem.n.85.p.80.
Hospital.n.86.p.81.
Jogo.n.87.p.84.
Inverno.n.88.p.85.
Incendio.n.89.p.85.
Imagem.n.90.p.85.
Iris.n.91.p.86.
Ironia.n.92.p.87.
Labyrintho.n.101.p.96.
Laço.n.101.p.96.
Lua.n.102.p.97.
Lida.n.103.p.98.
Luçto.n.107.p.102.
Luz.n.108.p.103.
Manhãa.n.109.p.104.
Manná.n.110.p.105.
Moinho.n.111.p.105.
Momento.n.112.p.106.
Continuo movimento, &
mudança continua. n.143.
p.142.
Musica.n.113.p.106.
Murmuro.n.170.p.170.
Miséria.n.114.p.107.
Náo.n.117.p.112.
Neve.n.118.p.113.
Nevoa.n.119.p.114.
Nuvem.n.120.p.114.
Noite.n.121.p.115.
Nada.n.122.p.115.
Oriente.n.123.p.118.
Outono.n.124.p.119.
Orvalho.n.125.p.120.
Orgão.n.126.p.120.
Origem, & mineral de to-
das as enfermidades.num.
124.p.119.
Primavera.n.127.p.122.
Pintura.n.128.p.123.
Pêla.n.129.p.124.
Porta.n.130.p.125.
Pomo.n.131.p.126.
Pò.n.132.p.126.
Prociffaõ.n.134.p.129.
Quêda.n.135.p.132.
Quitação.n.136.p.133.
Queixa.n.137.p.134.
Questão.n.139.p.137.
Rio.n.140.p.139.
Rayo.n.141.p.141.
Relogio.n.142.p.141.
Roda.n.143.p.142.
Rosa.n.144.p.143.
Setta.n.145.p.145.
Sono.n.146.p.146.
Sonho.n.147.p.147.
Sombra.n.148.p.148.
Syllogifmo.n.149.p.149.

- Summario.n.150.p.150. por termo oitenta annos.
 Solfa.n.151.p.151. n.19.p.28.
 Theatro.n.152.p.153. Costuma Deos dilatar a vi-
 Tragedia.n.153.p.154. da aos bons, & encurtala
 Transformaçãõ.n.154. pag. aos máos.n.19.p.28.
 155. As lagrimas são poderosas
 Tea, & tea de aranha. num. para alcançar de Deos a
 156.p.158. duraçãõ da vida. num. 20.
 Transito.n.157.p.159. p.30.
 Vapor.n.158.p.161. As lagrimas que se derra-
 Vestido.n.159.p.162. maõ na morte, tem o seu
 Vidro.n.160.p.162. ensayo nas que se choraõ
 Vento.n.161.p.163. ao nascer para a vida.n.24.
 Voz.n.162.p.164. p.36.
 Vaidade.n.163.p.165. O principio da vida he ex-
 Xara.n.164.p.166. ordio da morte. num. 24.
 Xadrès.n.166.p.168. p.36.
 Xaque.n.167.p.167. A mãy da vida nasceo da
 Zombaria.n.168.p.168. imagem da morte. *Ibid.*
 Zizania.n.169.p.169. Não té a morte *porque* mais
 Zonido.n.170.p.170. certo, que a vida, & o nas-
 Zodiaco.n.171.p.171. cimento.n.25.p.35.
 Zona torrida. n.172.p.171. A imagem da morte antici-
 Para o Sol he dia da morte pa-se á figura da vida.n.26.
 o mesmo dia da vida.n.15. p.38.
 p.20. A vida ainda he, & a morte
 A vida dos Reys termina já foi.n.26.p.39.
 fe em hum só dia. *Ibid.* Hũa vida extensa he hum
 As obras dos justos são se- tormento dilatado. n. 58.
 gurança da vida. n.18. pag. p.61.
 25. Todas as imagens da vida
 A vida dos poderosos tem são de muito debil fer.n.
 62.p.65. Re-

Repartida toda a duraçãõ da vida pelas horas de hũ dia, falta vida, & sobejaõ horas. n. 82. p. 78.

O verbo *Sum es fui* não tem em ordem á vida os tempos, que em ordem aos mais. n. 83. p. 80.

Os dias da vida passaõ com tanta corrupçãõ, que ainda bem não saõ, quando ainda mal já foraõ. n. 83. p. 80.

A vida, he vida no nome, & morte na realidade. n. 92. p. 87.

Não ha para a vida do homem mais que dous tempos; hum o de nascer, & outro o de morrer. n. 94. p. 89.

O que parece vida he morte; porque está a morte em a mesma vida. *Ibid.*

Para as flores da vida, o tempo de apparecer, já he tempo de segar. n. 95. p. 91.

He para os homens morte a vida, só porque haõ de perder depois a vida ás mãos da morte. num. 96. p. 91.

He a vida hũa continua, & successiva morte. num. 97. p. 92.

A morte he hũa morte só, & a vida he muitas mortes. n. 99. p. 95.

Na vida não he á tarde, o que he de manhã. n. 125. p. 120.

Tudo nella saõ laços. n. 102. p. 97.

Apenas nella apparecem as flores, quando as cortaõ as penas. n. 127. p. 122.

O estio da morte muitas vezes se anticipa á primavera da vida. *Ibid.*

Entre a vida, & trabalhos não ha differença. n. 105. p. 101.

A porta da vida, & a porta da morte saõ taõ visinhas, que se equivoca hũa com outra. n. 130. p. 126.

O pomo da vida, se ao ver-se he engano do gosto, ao gostar-se, he de engano no tormento. n. 131. pag. 126.

O pomo, que na apparençia he da vida, na realidade he da morte. *Ibid.*

Os homens na vida são pò
organizado, na morte pò
defunido. n. 132. p. 127.

Em hum abrir, & fechar de
olhos apparece, & desap-
parece a vida. n. 112. pag.

A vida he ponto, & menos
que ponto. n. 112. p. 106.

Toda a duraçãõ da vida he
composta de tremores. n.

Deu Deos a Caim por ma-
yor pena o dilatarlhe a vi-
da. n. 116. p. 111.

A vida dos peccadores he
hum nada composto de
muitos nadas. num. 121. p.

A vida confome-se passan-
do, como a nuvem passa
consumindo-se. n. 120. p.

A vida do homem he mais
breve que a do Sol. n. 123.

As figuras da vida não são
o que parecem, nem pare-
cem o que são. n. 134. pag.

Disfiguraõ-se na morte. n.

134. p. 131.

Todos em a vida cahem, &
tudo he cahir em a vida. n.

Na vida quanto mais se ca-
he, mais se descahe. *Ibid.*

O sono da morte, he sono
descançado, o da vida in-
quieto. n. 146. p. 146.

As premissas da vida influẽ
na conclusãõ da morte. n.

A muitos se lhes corta a tea-
da vida, ainda em a urdi-
dura. n. 156. p. 158.

A vida mais he suspiro, que
vento. n. 161. p. 163.

A morte he ecco da vida. n.

A vida he summamente ve-
loz. n. 165. p. 167.

Não ha zombaria mayor,
que a vida de hum pecca-
dor. n. 168. p. 169.

O peccador zõba de Deos
em a vida, & Deos zomba
delle em a morte. *Ibid.*

A vida parece o que não he.
Enfada, & enfastia. n. 170. p.

O zonido das aguas da vi-
da, he como o das do Ni-
lo,

lo, que faz ensurdecer a alguns. *Ibid.*

São tantos os males da vida, que em sua comparação, he remedio, & não pena a morte. n. 173. pag. 184.

A vida temporal a respeito da eterna, mais deve chamar-se morte, do que vida. n. 203 p. 228.

Quando muito só póde ter o nome de *Hoje. Ibid.*

A morte he consequencia forçosa, que se segue das premissas da justificação da vida. n. 205. p. 231.

Os justos estão sempre em o fim da vida agonizando com a morte. n. 329. pag. 376.

Estão em as mãos de Deos pelo perigo da vida. *Ibid.*

Virtude.
A verdadeira nobreza consiste em a virtude. n. 191. p. 213.

Os Estoicos na virtude, ou na sabedoria collocavaõ a nobreza. n. 208. p. 208.

Viver, Viventes.

Nada mais são os viventes,

que hús homens defacordados. n. 57. p. 61.

São forçados de galè, que devem sempre andar armados de paciencia. n. 77. p. 73.

O viver, he hum continuo militar. n. 78. p. 74.

Viver, & mover se, ou he o mesmo, ou quasi o mesmo. n. 80. p. 74.

O mundo, em que vivemos, he hum horrivel deserto porque passamos. n. 81. p. 78.

Todos no mundo andaõ mortos, ainda que no andar pareçaõ vivos. num. 93. p. 87.

Em quanto vivemos no mundo, mais temos nelle de mortos, do que de vivos. n. 97. p. 92.

O mesmo he hum homem vivo, que hum homem morto. n. 99. p. 94.

A differença de hum morto a hum vivo, he a que vai de hum que está desperto, a outro que está dormindo. n. 99. p. 95.

Os justos são huns mortos

vivos, os peccadores hús
 vivos mortos. num. 132. p.
 127.
 Em lagrimas se nasce, em
 lagrimas se vive, & em la-
 grimas se morre. num. 107.
 p. 102.
 O homem primeiro morre,
 do que vive. num. 112. pag.
 106.
 Em quanto vivemos não
 nos parece ser o que so-
 mos. n. 118. p. 114.
 Cada hum dos viventes he
 como a hera de Jonas. n.
 121. p. 115.
 Os viventes são orgãos, q̃
 não dura nelles a vida,
 mais que em quanto o
 vento dura. num. 126. pag.
 121.
 Todos os viventes tem na-
 tural cadencia para a ter-
 ra. n. 135. p. 132.
 Tanto que o vivente che-
 ga á baliza, & ao termo
 da morte, he como que
 se não fora. num. 145. pag.
 145.
 Dos viventes, huns dor-
 mem dormindo, outros
 dormem dormitando, mas

todos dormem. num. 146.
 p. 146.

Os viventes de tal forte
 estão com os sentidos li-
 gados, como se não tive-
 raõ sentidos. *Ibid.*

Hum sonho os engana, &
 outro sonho os defenga-
 na, de que toda a vida he
 sonho. n. 147. p. 147.

O vivente he hum escarneo
 da fortuna, & hum ludi-
 brio da terra. num. 168. p.

168.
Universidade.

O mundo he hũa univerfi-
 dade. n. 139. p. 137. & n. 187.
 p. 207.

As cadeiras da univerfida-
 de do mundo, em que de-
 viaõ ler-se sómente scien-
 cias, são suggestos de ig-
 norancias. *Ibid.*

Na univerfidade do mun-
 do todos estudaõ pela a-
 vareza. n. 187. p. 207.

Os Portuguezes foraõ os
 primeiros, que tiveraõ
 Univerfidade em Espa-
 nha. n. 265. p. 286.

X

Xadrès.

A Vida he xadrès. num. 166.p.168.

No xadrès , ainda que haja differença nas peffas , em quanto o jogo dura ; todas vem a ficar iguaes depois que o jogo se acaba. n.166.p.167.

Xaque.

A vida he xaque , a que se segue o mate. n. 167.p.167.

Xara.

A vida he xara. n. 164.p.166.

A xara , ou he hũa erva chamada Esteva, ou hum animal reptil , q' assim se chama. n.164.p. 166.

Z

Zizania.

A Vida he zizania.num. 169.p. 169.

A zizania parece-se com o trigo , & não he o que parece. *Ibid.*

Zodiaco.

A vida he Zodiaco.n.171.p. 171.

Zombaria.

A vida he zombaria. n. 168. p.168.

Zona Torrida.

Os Portuguezes foraõ os primeiros que a descobri- raõ.n.265.p. 286.

A vida he Zona Torrida.n. 172.p.171.

Zonido.

A vida he zonido. n. 170. p. 170.

O zonido das aguas da vida, he como os da do Ni- lo , que faz ensurdecer al- guns. *Ibid.*

FINIS.



1830
A. B. O. A.
M. J. B. O. A.
M. J. B. O. A.
M. J. B. O. A.

LISBOA

Na Officina de MIGUEL DESLANDES,

Impressor de Sua Magestade.

Com a Real Licença necessaria. Anno M. DCC. CXXII.



 UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Faculdade de Letras


1315608034

CF
A
8
20